

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

NÍVIA MARIA MESSIAS RIBEIRO

**A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NOS ESTUDOS DA LITERATURA CLÁSSICA
NO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM PARINTINS/AM.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste

**PARINTINS
2016**

NÍVIA MARIA MESSIAS RIBEIRO

**A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NOS ESTUDOS DA LITERATURA CLÁSSICA
NO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM
PARINTINS/AM.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

**Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste
Letras – CESP/UEA
Presidente**

**Prof^ª MSc. Patrícia Christina dos Reis
Letras – CESP/UEA
Membro**

**Prof. MSc. Renner Douglas Gonçalves Dutra
Pedagogia – CESP/UEA
Membro**

RESUMO

Falar da Estética da Recepção nos Estudos Clássicos é rebuscar o passado através das teorias de Jauss e das contribuições de Zilberman, porque eles fazem um apanhado geral de um elemento que reconhece o espírito receptivo, a fruição e produção do leitor que tem a oportunidade de se tornar autor. Nesse estudo, busca-se visualizar tais elementos de perto, *a Estética da Recepção nos estudos da literatura clássica no terceiro ano do Ensino Médio*. Verifica-se as dificuldades que o Ensino básico encontra para mencionar tais estudos. Tem-se como objetivo geral analisar as principais dificuldades para a assimilação da Estética da Recepção nos estudos clássicos no terceiro ano do ensino médio. Após as análises, observa-se um ensino muito fragmentado, pelo próprio sistema de ensino. Não se pode atribuir nessas instituições responsabilidades a A ou B, mas sugestiona-se a possibilidade de o professor agir como ponte para o conhecimento, interferir diretamente no processo. Dentro das possibilidades, procura-se responder questionamentos sobre a estética da recepção através das teorias que sustentam esta nossa pesquisa, das sistematizações, questionários e uma apresentação teatral em que os alunos do terceiro ano do Ensino médio foram expectadores juntos de um público acadêmico. Como objetivos específicos fez-se uma contextualização da teoria da Estética da recepção segundo autores, estrangeiros e nacionais, modernos, que se influenciaram pelas obras clássicas. Verificou-se as metodologias e técnicas de abordagem dos temas clássicos tendo em vista a assimilação da Estética da Recepção dos discentes do Ensino Médio. Identificou-se as principais dificuldades para a assimilação da Estética da Recepção nos estudos clássicos pelos discentes do Ensino Médio.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Estudos Clássicos. Dificuldades. Leitura. Assimilação.

ABSTRACT

To speak of the Reception Aesthetics in Classical Studies is to search the past through Jauss' theories and Zilberman's contributions because they make a general statement of an element that recognizes the receptive spirit, the enjoyment and production of the reader who has the opportunity to be Author. In this study, we seek out to view such elements closely, the Reception Aesthetics in the studies of Classical literature in the third year of High School. It is verified the difficulties that Basic Education finds to mention such studies are verified. The general objective is to analyse the main difficulties for the assimilation of Reception Aesthetics in Classical studies in the third year of high school. After the analysis, we observe a so much fragmented teaching, by the education system itself. These institutions cannot be assigned A or B responsibilities, but it is suggested that the teacher act as a bridge to knowledge and interfere directly with the process. Within the possibilities, we try to answer questions about the Reception Aesthetics through the theories that support our research, of the systematizations, questionnaires and a theatrical presentation in which the students of the third year of High School were spectators together of an Academic public. As specific objectives was made a contextualization of the theory of the Reception Aesthetics according to authors, foreign and national, modern, who were influenced by the classic works. It was verified the methodologies and techniques for approaching the classical subjects were studied in order to assimilate the Reception Aesthetics of secondary school students. It was identified the main difficulties for the assimilation of the Reception Aesthetics in the Classic studies by the students of the High School.

Keywords: Reception Aesthetics, Classical Studies, Difficulties, Reading, Assimilation.

Os anos seguintes reservaram à estética da recepção, a partir da chamada escola de Konstanz, um êxito inesperado. Ela respondeu a um interesse latente, que, nos anos sessenta, foi alimentado pela insuficiência geral do cânone tradicional da formação filológica e que cresceu graças à crítica contra o “ideal da ciência burguesa”, empreendida pelo movimento de protesto estudantil. (JAUSS, *apud* LIMA, 1979, p. 48)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Flávia (*in memoriam*) e José e minha linda avó Sebastiana, os principais responsáveis por toda a motivação que tenho em meu interior. Pelos dias e noites dedicados a minha pessoa, pela educação que me proporcionaram, mesmo não tendo conhecimentos científicos e condições financeiras, souberam transpor sua visão de mundo de forma intelectual. O que colabora com o meu desempenho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo.

Ao meu marido Ribamar, por me incentivar e colaborar nos momentos mais difíceis desta empreitada.

A minha linda vizinha Sebastiana, meu amor, minha amiga, minha conselheira que ajudou a me criar, me educar e principalmente a amar. Obrigada vizinha!

Aos meus filhos, Maria Beatriz, Maria Karolina e Carlos Thiago, pela paciência e por serem compreensíveis quando eu precisava fazer as leituras mais complexas e por serem exemplo de perseverança nos estudos e colaborativos nos afazeres domésticos.

Ao meu grupo de estudos, Eloísa, Gederson, Naiá e Noelma por me ajudarem nos trabalhos acadêmicos.

A todos os meus irmãos e familiares que me auxiliaram na reta final desta jornada, pois, nada foi fácil.

A todos os professores do Curso de Letras, que desde o início, nos repassaram os conhecimentos que somaram ao meu nível “vivencial”, me mostraram novas expectativas de horizontes.

A todos os meus colegas do Curso de Letras, por muitas vezes lutarmos juntos para chegarmos a um só objetivo. Parabéns à todos, essa vitória é nossa!

Agradeço em especial ao meu Professor Orientador, Dr. Weberson Fernandes Grizoste por muitas vezes ser parceiro e amigo e por ter me fornecido uma boa parte do material bibliográfico utilizado nesta pesquisa. Agradeço pela paciência em me fazer compreender sobre os assuntos mais complexos, obrigada pela preciosa orientação.

À Universidade do Estado do Amazonas – UEA, na pessoa de seus professores e técnicos, por me oferecer o Curso de Letras.

A todos e todas... Da minha parte, muitíssimo obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
-----------------	----

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZANDO A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

1. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	17
2. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NO BRASIL.....	19
3. HISTÓRIA E RECEPÇÃO.....	20
4. DRAMATURGIA.....	22
4.1. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NAS OBRAS LITERÁRIAS CLÁSSICAS ARCAICAS E RENASCENTISTAS	24
4.2. OS AUTORES	25
4.3 UM BREVE RESUMO DOS DRAMAS.....	29
4.3.1 A COMÉDIA DA CESTINHA (CISTELLARIA), PLAUTO	30
4.3.2 OTELO, O MOURO DE VENEZA, SHAKESPEARE.....	31
4.3.3 LEONOR DE MENDONÇA, DIAS.....	32
5. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NOS DRAMAS: A COMÉDIA DA CESTINHA (CISTELLARIA), OTELO, O MOURO DE VENEZA E LEONOR DE MENDONÇA.....	34
6. REFLEXÃO SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA ESCOLA.....	34

CAPITULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. PESQUISA FENOMENOLÓGICA DIALÉTICA	38
2. ABORDAGEM QUALITATIVA ANALÍTICA DESCRITIVA.....	39
3. MÉTODO HISTORICO.....	39
4. PERTINÊNCIA AO TEMA.....	40
5. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	41
5.1 OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA OU DIÁRIO DE CAMPO.....	41
5.2 RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II.....	42
5.3 QUESTIONÁRIO.....	46
6. CRONOLOGIA.....	49

CAPITULO III – AS PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA ASSIMILAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PELOS DISCENTES

1. CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO INVESTIGADO.....	50
2. IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO.....	51
3. REFLEXÕES DOS ESTUDANTES DENTRO DA SALA DE AULA.....	53
4. REFLEXÃO SOBRE AS LEITURAS CLÁSSICAS	59
5. CONHECIMENTOS E REFLEXÕES DO PROFESSOR SOBRE LEITURA.....	61

5.1 CONHECIMENTO DO PROFESSOR SOBRE LEITURA.....	62
5.2 CONHECIMENTO DO PROFESSOR SOBRE ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	64
6. REFLEXÕES SOBRE A APRESENTAÇÃO TEATRAL DA PEÇA PLAUTINA.....	65
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A procura dos pontos de contatos das obras literárias é pertinente a nossa pesquisa, porque precisamos compreender como cada gênero se identifica. Mencionamos alguns gêneros os quais podemos atribuir alguns conceitos, referimo-nos a tragicomédia, uma mistura de tragédia com a comédia, que revela tudo o que rodeia a cultura de uma sociedade.

Diante de nossos estudos sobre a literatura que Roma relegou ao mundo ocidental durante muito tempo, observamos que são extremamente condicionadas historicamente. As informações sobre antiguidade da helenização encontram-se cada vez mais apoio nas descobertas arqueológicas (PEREIRA, 1989, p. 39). Sem os resquícios históricos não podemos analisar obras extremamente antigas. Há toda uma magnificência para que possamos compreender os conteúdos dessa literatura. São muitos estudos científicos por trás dos conteúdos e contextos literários de uma determinada sociedade.

Com o intuito de descobrir as dificuldades que levam os estudantes de ensino médio a não compreender sobre os textos que eles leem e nem saberem discernir qual período literário vem antes e qual vem depois. Investigam-se as dificuldades em que o aluno do ensino médio tem, de não conseguir ligar os pontos de contato de leituras clássicas com conteúdos dos estudos atuais. A população investigada são os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública em Parintins AM. Como já se havia mencionado anteriormente, a pesquisa segue os critérios fenomenológicos na fala dos sujeitos entrevistados, porque o que interessa é dispor de participantes que sejam capazes de descrever de maneira acurada sua experiência de vida (GIL, 1946, p. 138). A busca surgiu, quando se observou as dificuldades de compreensão das leituras científicas na faculdade, na fase inicial do curso de Letras. Por saber que os estudantes passaram pelo ensino médio, e não foi possível compreender lá, o sentido e nem a ordem dos textos literários, causando com isso, outro problema, porque muitos alunos desistiram dos estudos nessa primeira fase. Outras vezes por acharem que não tem competência para fazerem o que lhes é solicitado, no caso, no curso de letras; a leitura e a escrita.

Compete-se reconhecer que são frutos de um processo de iniciação educacional pública, formados em um ensino médio, fornecido pelo governo. Nada mais justo, investigar para compreender essas dificuldades que são bem presentes na vida do

educando. Em pleno século XXI, ainda se vive a mesma realidade de longas datas, que já foram discutidas nos PCNs para melhorar o ensino público. A relação da escola com a vida ainda é, portanto de contrariedade: ela ainda se nega o social, para introduzir em seu o normativo (ZILBERMAN, 2003, p. 22). Foi o que se vivenciou dentro da escola em processo de coleta, não se viu alunos leitores, mas apenas meninos enfileirados, de costas um para o outro e prestando atenção naquilo que os professores ensinam. Não perguntam, nem se interessam pelo assunto para discutir ou conversar com os professores. Escrevem algum conteúdo no caderno somente por obrigação.

Para analisar melhor os dados, os questionários passaram por uma seleção, e acataram-se os que apresentaram respostas mais próximas do objeto, não se dispensando outras informações nas quais se busca retornos para enriquecer esta pesquisa.

Na qualidade de professores, houve a necessidade de investiga-los com o objetivo de medir o grau de conhecimento que eles possuem em relação aos assuntos que foram abordados no referencial, pois, sabe-se que ele é a ponte do conhecimento, é através dele que o aluno consegue as orientações adequadas e se direciona para o futuro.

Entretanto, busca-se saber quais os principais fatores que dificultam o entendimento, já que os teóricos desta pesquisa apontam que a leitura é o maior condutor para todos os níveis de compreensão e interpretação, o que Jauss (*Apud* Lima, 1979, p. 45-46) *chama de compreensão e discernimento, entre a experiência primária e o ato da reflexão, com que a consciência se volta para a significação e para a constituição de sua experiência.* Para tanto, questiona-se aqui alguns pontos para tentar ver realidade sobre a leitura do aluno, para assim verificar as possibilidades de reflexão e criticidade.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZANDO A TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Este capítulo vem fazer uma contextualização da Estética da recepção defendida por Jauss, um escritor e crítico literário alemão. No Brasil, Zilberman segue a mesma linha de pensamento e expõe suas teorias receptivas direcionadas ao leitor, onde outros contribuintes também aparecem. Traçam-se diálogos com o professor e pedagogo Paulo Freire, por fazer parte de uma corrente filosófica, fenomenológica e dialética, porque trata o oprimido como um ser pensante e também algumas sugestões de Aristóteles, que contribuem para o gênero literário cômico. Portanto, este capítulo trata de uma discussão entre autores estrangeiros e nacionais modernos que se influenciaram pelas obras clássicas.

1. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

É um fenômeno que brota após a experiência estética, ocasião em que surge várias formas e sentidos em relação ao texto, momento em que se procura sair do tradicionalismo, como nos estudos do *New Criticism*, Formalistas Russos, Estruturalistas (GOMES, p. 38, 2009). A Estética da Recepção permite a imitação e defende o leitor, para que o mesmo tenha autonomia e faça suas próprias produções e reproduções. O leitor pode ler, analisar um texto e depois criar sua própria fruição e pode se apropriar de vários elementos literários ou linguísticos que achar necessário utilizar no decorrer da narrativa. Com auxílio da teoria alemã; *A literatura e o leitor*, de Jauss (1979), se percebe considerável influência entre os diversos autores dessa especialidade, é o que se vê nas produções de Shakespeare que recebeu influencia dos dramas de Plauto do período greco-romano arcaico. Assim como Gonçalves Dias se influenciou por Shakespeare.

Segundo Silva (2014, p. 2), *o próprio Jauss reconhece na Poética de Aristóteles uma precursora remota do enfoque recepcional, porque elabora o princípio da catarse, enquanto experiência vivida pelo espectador, como condição fundamental para definir a qualidade de uma obra*. Diante dessa reflexão, passou-se a observar que tais autores tomaram emprestado para suas obras, fatos ou características semelhantes, realizaram imitações literárias – uma prática reconhecida já na antiguidade. Uma referência de se refletir dessa forma é porque Horácio assim como Aristóteles são referências nos textos

literários, um exemplo dessa prática é quando Aristóteles (2003) afirma em sua *Poética* que vários tipos de arte são imitações:

A epopeia, a tragédia, assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da Aulética e da Citarística todas são em geral imitação. Diferem, porém, umas das outras, por três aspectos: ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam objetos diversos e não da mesma maneira.

Ainda que não estivesse definido o conceito que Jauss se propôs a refletir, é possível que o estagirita, pudesse estar se referindo a esse fio condutor que permite esse olhar do leitor/receptor. Que pode fazer esse horizonte de expectativas acerca das obras literárias e ainda permite ao leitor, observar os aspectos, os meios diversos ou objetos diversos, por meio da interpretação e da produção do leitor, transmiti-lo do seu modo à sua cultura e sociedade.

Consequentemente, reflete-se esse olhar nas obras literárias do período renascentista e romântico brasileiro, como já foi mencionado. O autor produz de acordo com sua realidade, com a sua visão e estado interior que se encontra, a partir do momento em que o mesmo faz a leitura. Um novo modo de analisar os textos e valorizá-los com a incumbência de inserir o conhecimento empírico do leitor/autor, o qual transpõe sua própria identidade e usa como plano de fundo e o adequa ao seu contexto histórico. Os autores *trazem situações de uma determinada sociedade para dentro de sua própria obra* (JAUSS, 1979, p. 50). Foi que aconteceu ao verificar-se que no drama cômico a Comédia da Cestinha (Cistellaria), o autor usa um elemento para provar a identidade de Selênio, a filha perdida, que no caso é o “cesto” que estava com ela, no dia que foi abandonada para morrer. Já no drama trágico de Shakespeare, *Otelo o Mouro de Veneza*, o elemento usado para provar a infidelidade de Desdêmona, foi o “lenço”. Enquanto que no drama gonçalvino, uma “fita”, foi o elemento causador da desconfiança do duque orgulhoso.

O fenômeno literário em questão, surge como uma tentativa de se compreender, refletir e produzir as próprias fruições do autor/leitor, dentro da diversidade autoral literária. Jauss (1967, p. 27) ainda se refere aos tipos de linguagem construídos em torno das obras. Ele contesta sobre as concepções de Wellek, na qual ele diz *não ser possível, por meios empíricos, determinar um estado da consciência, quer seja individual – uma vez que este encerra em si algo de momentâneo e exclusivamente pessoal*. O filósofo vem de encontro com esse modo de pensar, pois para ele é importante mostrar à recepção do texto e o efeito que este causa no autor/leitor e

demonstrá-las nas obras literárias torna-se relevante, os textos que dialogam uns com os outros, mas sabe-se que quando se entra no campo da *leitura literária*, abrem-se novas possibilidades e novas maneiras de se refletir.

2. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NO BRASIL

Uma das grandes contribuintes desse pensamento no Brasil, discute sobre esse olhar, quando referencia a *Poética* de Aristóteles, e concorda quando o estagirita compreende, reflete e reconhece que a representação de ações humanas provoca um efeito sobre o público (ZILBERMAN, 2008, p. 8). Para ela esse efeito é sentido mais, ao presenciar a tragédia no palco, onde os expectadores são capazes de exprimir a catarse, uma das atividades da experiência estética. Nesse caso quando um expectador presencia as ações produzidas no palco, ele tem a capacidade de exprimir a experiência do que presenciou. Entretanto o expectador se torna um mero leitor das práxis que observou o que pode em muitos casos, exprimir sua experiência no papel.

Seguindo essa linha, Figurelli (1988, p. 124) encontra-se uma grande contribuição para este trabalho, ele expõe sobre a prática estética em *três atividades fundamentais, ou seja, a produção ou poiesis, a recepção ou aisthesis e a comunicação ou catharse*. Três características que são defendidas no campo literário por fazerem parte do cotidiano de quem “produz” o texto. Defende-se a hipótese de receber os fatos de alguém, de algo que já aconteceu em outra sociedade, em outro momento. Em que o autor/leitor absorveu de algum lugar. A atividade chamada *catharse* está diretamente ligada com a comunicação. Ao se tratar desta ferramenta dentro da literatura, diz-se que pode ser uma arte de transmitir, de comunicar a mensagem recebida do texto e o leitor dar sentido com seu próprio modo de produção. Trazendo essa ideia para o campo do ensino básico Freire (*apud* Maia 2007, p. 27), afirma que *o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*. Logo, se observa que é possível analisá-las e construir o próprio pensamento de acordo com o contexto histórico na qual o autor está inserido, assim como fizeram os grandes dramaturgos destacados nesse texto.

3. HISTÓRIA E RECEPÇÃO

Quando se trata de ciência e história, geram-se muitas discussões dos estudiosos em torno da Literatura, Jauss (1979) atentamente notou que *todos alegam de formas diversificadas, como elas podem ter se formado, mas diz também, que juntos concordamos no ponto principal, os autores da literatura universal tiveram contato com os clássicos*. Significa que supostamente todos os autores que pertencem aos grandes cânones literários, ou os que não pertencem, mas que fazem sucesso com suas literaturas, apresentam referências às leituras clássicas. Esse gênero torna-se relevante na sala de aula por causa da significação que representa como texto, mas muitos professores optam somente pela poesia e prosa e os PCNs não fazem acepção de gêneros literários, mas sim, que os textos sejam trabalhados.

Então se compreende que os textos referidos neste trabalho, todos são literaturas e de gênero cômico e dramático. Pereira (1989, p. 44) diz que a literatura foi descoberta somente depois da arte e acrescenta que o período clássico justifica a história de Lívio Andrônico, mestre na escola em Roma, o qual ensinava as crianças uma versão da *Odisseia* de Homero. Mais uma vez, nota-se a ideia de que os autores procedentes formaram sua estética de acordo com o que refletiram a partir de leituras antigas, este fato fez com que os autores produzissem suas literaturas de acordo com suas identidades e suas realidades históricas.

Assim, a dramaturgia enquanto universo do leitor é um tipo de literatura pouco explorada no âmbito escolar como leitura. Ao se pensar que esse tipo de texto não é explorado como leitura didática, é perder a chance de conhecer as histórias dos precedentes e muitos outros fatos relacionados a narrativa. Como por exemplo, refletir em todas as áreas do conhecimento, sem contar que se pode aprender muito. Instruir-se como funciona a estrutura de um espetáculo de teatro, e ainda refletir sobre os fatos literários que baseiam as principais ciências, inclusive a história (BRASIL, 2000, p. 5).

Fazendo uma descrição sobre o início do palco, observa-se um fato histórico que se perpetua em muitas obras literárias, inclusive nas obras de Plauto, quando o autor faz referências em *Cistellaria*, a respeito às *Cerimônias que eram oferecidas aos deuses da colheita, na Grécia Antiga, e que deram origem ao teatro* (VERTENTES, 1993, p. 65). Logo, surge o cenário, onde Alcesimarco se encantou por Selênio, os protagonistas da comédia plautina. O povo se reunia para festejar e criavam apresentações teatrais, momento de descontração, em que os brincantes usavam máscaras para se diferenciarem das outras pessoas como Aristóteles narra em sua *Poética*.

Outra discussão gerada sobre o teatro é que; *há quem diga que a dramaturgia em forma de texto ao leitor é visto como literatura, mas apresentado no palco é considerado como belas artes* (MURTA, s/d, p. 227). O texto do teatro é rico em informações, nele se pode compreender a dimensão da significação textual. Para os leitores que tiverem a oportunidade de saber mais, é de muita significação, pois estes trazem os fatos históricos que podem ser reconhecidos nas obras literárias, e nesse caso não tem dimensão de gêneros, a recepção pode estar em muitas obras sobre esse elemento literário que funciona como uma teia de textos.

Como já foi mencionado anteriormente, as representações elaboradas para o teatro antigo são diferentes dos dias atuais, porque foi elaborado com outras técnicas, Pereira (1989, p. 72-75) mostra-se a estrutura da representação de um teatro clássico:

O cenário era geralmente formado por um altar e três portas, que seguiam uma rígida convenção herdada do teatro grego: a esquerda conduzia ao porto ou ao campo, a da direita à cidade e a do centro ao interior da casa.

Uma série de funcionários velava pelo espetáculo. Assim, o empresário (*dominus gregis*) tinha actores (*histriones, cantores*), que constituíam a *caterva* ou a *grex*, o *choragus*, responsável pelo guarda-roupa e pelos ornamentos. Um pregoeiro tinha a missão de impor silêncio para começar o espetáculo, um *dissignator* fazia as vezes do moderno arrumador e os *conquistores* mantinham a ordem. Nem a *claque* faltava, a avaliar pelas jocosas alusões de Plauto no prólogo do Anfitrião (67-68).

O *dominus gregis* era o dono do teatro, quase como um diretor de hoje. Era ele quem decidia tudo sobre a apresentação no palco. A *claque* era formada por pessoas contratadas para aplaudir, assim como em algumas referências de *Anfitrião*, principalmente quando se tratava de comédia, a especialidade de Plauto. Ao analisar os personagens de Plauto, percebe-se que são mais inferiores como: escravos, meretrizes, mercadores que se envolvem com pessoas de qualquer tipo de classe social etc. As peças teatrais plautinas fazem referências ocasionais, pelo fato do estado greco-romano estar em guerra nesse momento. As cidades gregas e romanas se tornavam grandes centros de prosperidade material e intelectual, além de importantes núcleos políticos. Foi o momento em que o desenvolvimento do modo de produção escravista, atingia sua plenitude em Roma, está intimamente ligado ao caráter expansionista das cidades Estado-gregas e do Estado romano¹. Após se apresentar um pouco das características do

¹ VICENTINO, *História Geral, Idade Média, Moderna e Contemporânea incluindo Pré - História, Grécia e Roma*, 1991, p. 15.

teatro antigo greco-romano, faz-se um recorte no tempo e transfere-se ao período renascentista.

Heliadora (2008, p. 11) também faz uma visão do Renascimento especificamente sobre o Teatro. Nesse período, o teatro contava com uma estrutura mais moderna e meritocrática, amparada por Elisabeth que propiciou a imitação literária dentro dos limites de cada um, mais propriamente aos hábitos da corte.

Inspirado nesses ambientes, Burbage criou, no seu “Theatre”, um espaço cênico completamente diferente de todos os teatros que apareceram antes ou depois dele: em um prédio quadrado (que gerou outros, sextavados ou octogonais), dois andares de galerias cercavam um espaço grande, vazio, para o centro do qual se projetava um palco. Ao fundo, podendo ser separado por uma cortina, havia um pequeno espaço (palco interior) embutido no corpo do edifício, com outro igual (palco superior) à altura da segunda galeria.

O mais interessante é saber que há muito tempo os estudiosos procuram por informações sobre as obras dos escritores antigos. Na pesquisa sobre a *História da Literatura como Provocação a teoria Literária (1967)*, Jauss discute sobre o abismo que se formou entre a Literatura e a História. Durante o método marxista e o formalista, não se compreende o caráter estético (JAUSS, 1967, p. 14). Os leitores e críticos ficaram numa situação extremamente limitada por ser uma questão complexa, para muitos estudiosos, a estética da recepção era considerada uma mistura sem sentidos, principalmente quando se referia aos clássicos. Para eles somente a poesia era considerada literatura. Outras artes eram consideradas imitações sem referências teóricas. Para se reconhecer o teatro e outros gêneros como arte literária, passou-se por muitas discussões.

4. DRAMATURGIA

Sabe-se que o drama difere muito do romance. *O diálogo teatral distingue-se nitidamente do diálogo literário usado na novela* como dizia Murta (s/d, p. 229); porque são elaborados com outras técnicas. Um gênero que compõe dramas antigos, que não são atraentes para os jovens modernos, por acharem ser um tipo de leitura ultrapassada. Walter Besant (2015, p. 38) ao conceituar o romance vê o monumento todo tirado da estrutura do teatro. Porque tem experiência de leitura, é um leitor constante, por isso consegue notar a estrutura, assim como Murta que considerou que a dramaturgia em forma de texto é literatura, mas ao ser interpretado no palco torna-se uma das belas artes. Grizoste (2014, p. 165) *vê o romance e o cinema nas origens do teatro: o cinema*

da parte essencialmente representativa, o romance das escrituras. A teledramaturgia é transmitida pela televisão a qual o leitor torna-se o telespectador e recebe temas que pertencem ao cotidiano advindas de vários tipos sociedade, causando reflexões e até transformando a consciência do ser humano de forma coletiva, este pode ter resultados positivos ou negativos. Eu penso que foi o teatro quem deu a origem a todos os outros gêneros literários, já que antes as obras poéticas não eram escritas e sim recitadas e apresentadas verbalmente como afirma Zilberman (2008, p. 86) *que Aristóteles expõe sua tese em um tempo em que a transmissão da poesia fazia-se por meio da voz, e não da escrita, sendo vivenciada de modo direto.* Por isso a importância que se dá a esse rico gênero literário.

Entretanto, a tragicomédia revela tudo o que rodeia a cultura de uma sociedade, trabalha como se abrisse uma cortina do maravilhoso e mostrasse tudo o que acontece por trás do contexto histórico. Entrega ao público e espera que as pessoas tirem suas próprias conclusões daquilo que foi apresentado. *Para o autor dramático não se improvisa, pode em muitos casos prescindir do estudo; mas o que lhe é absolutamente primordial é a penetração psicológica, ou seja, a vocação* (MURTA, s/d, 228). Contudo, o conhecimento pessoal histórico é muito importante para o tipo e a forma que o artista utiliza da arte, mas não é fundamental:

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posterioridade (JAUSS, 1994, p. 8).

Jauss, de certa forma, desvaloriza o contexto histórico em detrimento do sucesso das leituras realizadas pelo poeta/dramaturgo. Dessa forma, o teórico vem valorizar cada vez mais, o conhecimento empírico do leitor, do efeito em que as narrativas causam conforme a cultura do outro e ao mesmo tempo, recebe e se adapta ao olhar do outro, traz para si a seu modo e as transforma na sua própria realidade. Não constrói algo propriamente novo, mas adapta a sua produção.

Afirma-se que o drama é uma modalidade que se usa para expressar sofrimento ou aflição. No sentido figurado é uma forma de apresentar o comportamento de alguém que encena um comportamento contrário do que realmente está querendo mostrar, os autores se apropriam de muitas atitudes que se praticam no dia a dia das pessoas e entregam ao palco para o julgamento expectador diante das cenas criadas.

4.1 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NAS OBRAS LITERÁRIAS CLÁSSICAS ARCAICAS E RENASCENTISTA.

A obra plautina, *Os Menécmos*, trata da história de dois irmãos gêmeos que moravam na cidade de Siracusa. Quando ainda eram crianças, foram levados para Tarento por seu pai, onde um dos garotos se perdeu, sendo encontrado por um mercador de Epídamo - que o criou como um filho. A obra é composta por vários tipos de personagens, gente simples do povo: mercadores, escravos, cortesãs de luxo e mulheres granfinas. Característica de autor greco-romano. Plauto trabalha com figuras que caracterizam os homens inferiores como, por exemplo: Cepillo, amigo do Menécmo II somente por causa da comida e moram em Siracusa. Erotia é uma cortesã de luxo e amante do Menécmo I. Menécmo II vai para Epídamo procurar seu irmão e ao chegar lá causa uma confusão de identidades, pois os dois são gêmeos idênticos. Os irmãos são confundidos tanto por Erotia, a meretriz e amante, quanto pela esposa de Menécmo I, causando elementos filosóficos e psicológicos na obra.

Já o drama Shakespeariano, *A Comédia dos Erros*, trata-se de uma tragicomédia, obra dramática que apresenta elementos tanto da tragédia como da comédia. Uma obra considerada pela crítica literária como uma adaptação do drama *Os Menécmos* de Plauto, muito em virtude do enredo que não difere bastante da obra Plautina.

Um dos espaços, onde ocorre o desfecho da comédia também é na mesma cidade chamada Epídamo, local que citado na obra original de Plauto. Uma obra cheia de confusão, situações do cotidiano, humor e elevação da mulher, já que ela tem mais liberdade em expressar seu ponto de vista.

Percebemos desta forma que, Shakespeare recebe as características dos personagens plautinos, de estilo grego, e o transforma/transporta para um estilo elisabetano, acrescentando sentimentos e induzindo o leitor a uma análise psicológica. Somando as ocorrências da visão de mundo extraído do seu próprio contexto histórico é inserido na maioria de suas obras.

Ao se ler e comparar os dois dramas, tem-se a representação de que em certos momentos, o leitor se encontra dentro da mesma narrativa. É o momento em que é possível ligar os pontos em que as obras dialogam, e ainda se podem encontrar mais informações semelhantes.

4.2 OS AUTORES

Plauto foi um dramaturgo latino, que produziu várias obras e todas em estilo cômicos, considerado o maior dramaturgo de todos os tempos, por seu número abrangente de comédias. De acordo com Couto;

Pouco se sabe da vida de Plauto. Ao contrário de outros escritores latinos, Plauto não nos deixou informações autobiográficas na sua obra e os dados que nos foram transmitidos pelos autores antigos são muito escassos e pouco precisos. Terá nascido em Sársina, mas não se conhece com exactidão o ano do seu nascimento. Alguns autores, baseando-se num verso de uma comédia plautina, o v. 629 do *Miles gloriosus* (*O Soldado Fanfarrão*), no qual Periplectómeno afirma ter 54 anos, apontam 259-258 a. C. como data de nascimento do comediógrafo, já que se costuma indicar o ano 205 a. C. como o da primeira representação da peça *O Soldado Fanfarrão*. Os defensores desta data justificam-na por estranharem uma referência tão precisa à idade da personagem e verem nela uma alusão à idade do actor, que poderia perfeitamente ser o próprio Plauto, já que no início da sua carreira ele teria sido actor das suas próprias comédias.

O comediógrafo e suas obras são bastante estudados no campo da literatura latina, a partir de seu legado muitos outros autores/leitores influenciaram-se por seu estilo e riqueza caricatural de seus personagens. No período clássico, seus dramas eram feitos diretamente para o público mais simples, o povo. Era considerado teatro para os homens inferiores.

Shakespeare foi um poeta e dramaturgo. Tido como o maior escritor da comunidade anglófona e um dos mais influentes dramaturgos da atualidade em questões do potencial psicologicamente humano, caracteres que enriqueceram suas obras. Mas é bom dizer, que não foi Shakespeare quem inaugurou o teatro na Inglaterra. Segundo Heliadora (2008), o teatro, mal ou bem, já tinha a essa altura pouco mais de trezentos anos de vida na Inglaterra. Primeiro dentro da igreja, depois leigo, mas ainda religioso, e nos últimos cem anos, nas mãos dos autores “saltim-bancos” que iam de cidade em cidade.

O autor produziu a maior parte de suas obras entre 1590 e 1613; suas primeiras peças foram, principalmente, comédias e histórias, levadas ao ápice da sofisticação e do talento artístico nos finais do século XVI. A partir de então, escreveu somente tragédias, isso já por volta de 1608. Algumas, ao que se sabe, são realmente baseadas em personagens de ficção, tais como: *Otelo*, *o Mouro de Veneza*, *Hamlet* e *Romeu e Julieta* – obras célebres que influenciaram tantos outros dramaturgos, poetas e romancistas. Suas obras foram tão ricas, baseadas na essência humana que ainda nos dias de hoje são

estudadas, encenadas e reinterpretadas constantemente em diversos contextos culturais e políticos no mundo inteiro.

Há muitas especulações a respeito da vida de William Shakespeare, inclusive a respeito de quando começara a escrever suas obras. Nesse contexto a Inglaterra vivia seu tempo de ouro sob o reinado da rainha Elizabeth, momento em que esse período favorecia o desenvolvimento cultural e artístico. Ao referir-se aos seus dramas, teve características tão parecidas com a dramaturgia de Plauto, que é até possível Shakespeare ter copiado as obras dos dramaturgos Greco-romanos as quais eram todas publicadas em latim e grego. O biógrafo Johnson (1965, p. 111) afirma que supostamente o magnífico poeta conhecia as línguas antigas e as obras também.

It has been much disputed, whether Shakespeare owed his excellence to his own native force, or whether he had the common helps of scholastic education, the precepts of critical science, and the examples of ancient authors (...). There has always prevailed a tradition, that Shakespeare, wanted learning, that he had no regular education, nor much skill in the dead languages (...). Some have imagined, that they have discovered deep learning in many imitations of old writers².

São fatos que nos levam a imaginar o porquê de tão alto grau de conhecimento da psique humana por parte do autor, seus dramas foram desenvolvidos para alcançar o nível dos homens mais importantes de seu contexto histórico, e conseguiu, não só através da tragédia, mas também através do cômico. Heliadora (2008) diz que a descoberta dos autores latinos foi determinante. De fato, Plauto e Terêncio na comédia e Sêneca na tragédia apareciam frequentemente apresentados e imitados nas universidades. É supostamente possível afirmar que o maestro do drama tenha-se deixado influenciar pelos mesmos autores.

Shakespeare aproveitou e somou às condições humanas e fez eclodir a sua arte. O segredo do teatro elisabetano foi ter aproveitado o melhor de dois mundos, misturando a ação do teatro popular e a forma do teatro romano (HELIODORA, 2008, p. 13). O poeta aprofundou em sua obra um grau abastado de conhecimento psicológico e juntou às suas formas estéticas adquiridas daqueles que o influenciaram; deu-se ao luxo de adequar seus escritos ao verossímil.

² JOHNSON, 1965, p. 109 – Nossa Tradução: “Isso tem sido um assunto bastante discutido, ou seja, Shakespeare devia ter uma força nativa por excelência, ou seja, ele devia ter auxílio de educação erudita, a regra da ciência crítica uma característica dos autores clássicos (...). Sempre tem prevalecido à tradição, para Shakespeare, o conhecimento do desejo pode ter sido adquirido no ensino regular, mas também por conhecer as línguas mortas (...). Alguns têm imaginado que ele tinha um profundo conhecimento em muitas imitações de obras antigas”.

Em síntese, o mestre trágico absorveu o melhor da parte ideológica e somou ao seu conhecimento psicológico produzindo com magnificência seus dramas. Afinal o contexto cultural em que vivia, e mais, a convivência familiar e o que presenciava no seu dia-a-dia contribuiu para o enriquecimento e amplitude de suas obras dramáticas e cômicas. Ao que percebemos em relação a vida de Shakespeare há, na realidade, muitas suposições; diferentemente de suas obras, concretamente e vastamente conhecidas.

Igualmente ao teatro inglês, o teatro brasileiro iniciou-se e desenvolveu-se como instrumento religioso. Basta recorrermos a própria literatura litúrgica iniciada pelo padre Anchieta. Há um hiato entre os poetas do século XVI e XVIII, nomeadamente em uma época em que o Brasil desenvolveu-se enquanto colônia desde o seu nascedouro até o arcadismo – quando, finalmente, podemos falar em uma consolidação do projeto português na América. Em verdade, a dramaturgia, sobretudo a gonçalvina, tem sido bastante menos conhecida e valorada em detrimento de sua magnificente poesia. Assimilaremos, contudo, claramente o desenvolvimento do drama no Brasil durante o romantismo a partir do momento em que conhecermos um pouco da vida de Gonçalves Dias.

Sabe-se que Gonçalves Dias nasceu no interior de Caxias, tinha por pai o português João Manuel Gonçalves e por mãe a mestiça Vicência Ferreira (CÂNDIDO, 2012, p. 704). Quanto às origens do poeta, sua verdadeira mestiçagem, se apenas índia ou negra também, não há um consenso por parte da crítica gonçalvina. O certo e indubitável da vida desse poeta, é que se trata de um dos mentores da segunda geração do Romantismo brasileiro e um dos principais nomes da poesia brasílica daquele século. Alguns questionamentos a respeito do que diz Cândido, o assunto tem sido abordado, corroborado e contestado pelo orientador deste trabalho, em análises de dissertação de mestrado e tese de doutorado.

Em linhas gerais, era objetivo principal do romantismo no Brasil a criação do caráter nacional da literatura brasileira, opondo-se a portuguesa, considerada de importação e de opressão. Abarcando a poesia, a ficção e o drama, a nova estética formula teorias literárias e críticas, procurando o melhor modo de realização dos novos ideais e quais os gêneros adequados a sua expressão (PIZARRO, 1970, p. 20). Tentando fugir da influência portuguesa, embora hoje se saiba que não foi de todo possível, os poetas brasileiros acabaram por receber muita influência de França, da Grécia e Roma. Contudo, nomeadamente no teatro Gonçalves Dias viu-se influenciado por um poeta inglês. Observando a obra shakespeariana *Otelo, o mouro de Veneza*, podemos ver o

caráter elisabetano no drama *Leonor de Mendonça* em várias passagens e episódios. Não é comparação fortuíta, nem gratuita, senão sugerida pelo próprio Gonçalves Dias, em cuja advertência do prólogo da obra escreve:

Creio que adaptei o melhor dos fatos, quer considerado como verdade histórica, quer como circunstâncias dramáticas; apenas a supri enquanto me foi preciso para encadear as partes do drama entre si, e inverti-a nas minuciosidades alheias ao meu trabalho. (DIAS, 1846, p. 146).

O romantismo no Brasil estava em fase transitória, tentando ter sua própria identidade literária. Contudo, Gonçalves Dias que em outras circunstâncias se mostrou igualmente consciente da influência de outros poetas, incute agora no drama do indianista fragmentos elisabetanos importados, bem como de outras partes do Velho Mundo, pois como também se sabe, deixou-se influenciar um tanto mais forte pelo esteticismo schilleriano e cuja obra até traduziu cuja versão só veio a público postumamente. A *Noiva de Messina*, afirmava Henriques Leal, era a “filha mimosa” de Gonçalves Dias, e nela manteve-se ocupado até a morte, reunindo em síntese duas de suas paixões estéticas: a literatura alemã e o teatro.

Dizemos com bastante procedência que Gonçalves Dias também se deixou influenciar por Goethe no tocante ao elemento trágico. Especificamente a “associação dos acontecimentos”, a trama, é o elemento mais importante da tragédia e a poesia atribui-se uma “verdade maior” do que a história (SANTOS, s/d, p. 775). O poeta em seu drama *Leonor de Mendonça* optou em seguir a linha das artes superiores, pois os seus personagens são nobres, duque e duquesa, de condição social média e sua identidade maior dentro do poema é o sentimentalismo, valorização da natureza, o sentimentalismo e a religiosidade. O poeta valoriza o tempo e o espaço, descrevendo as tradições e belezas naturais que fazem parte do nosso Brasil. Descreve também os traços femininos e masculinos de seus personagens na obra. Acredita em si próprio e transpõe para seus personagens o que realmente quer mostrar. Jacobbi (1958) aborda em sua tese que:

O único Faust universal é o de Goethe – que não é uma personagem, mas sim o próprio tumulto de personagens que vive em cada um de nós, e que, ao mesmo tempo, faz de nós todos, através do inferno das contradições, uma figura só: o Homem.

Como a hipocrisia humana está arraigada nas criações de Goethe, este elemento acabou por influenciar Gonçalves Dias. Suas obras *Patkull (1843)* e *Beatriz Cenci (1844,45)* não fizeram sucesso em virtude de vários fatores, tais como a pouca atenção dada pelos biógrafos e críticos, o escândalo do tema central de *Beatriz Cenci* e a

ausência de uma boa edição, de uma verdadeira edição crítica, do teatro, que somos obrigados a ler no volume editado por Garnier em 1910 (JACOBBI, 1958, p. 46).

Voltando aos diálogos que Gonçalves Dias traça com a obra de Shakespeare, primeiramente caracterizam-se por terem o mesmo gênero dramático e trabalham com personagens superiores e com elementos parecidos em *Otelo* e *Leonor de Mendonça*. Gonçalves Dias além de dramaturgo é muito conhecido pela crítica literária por ser conhecedor profundo da língua portuguesa. Pizarro (1970, p.2) exalta-o dizendo que:

Víamos nele um dos maiores versificadores de língua portuguesa, um conhecedor profundo de nossa língua e simultaneamente um inovador, um “pioneiro”. Este obreiro de uma literatura, que dava os primeiros passos, atraía-nos pelas várias facetas da sua obra, tão rica de contrastes. Entusiasmava-nos, sobretudo a capacidade maravilhosa de sentir esse lirismo tão vincadamente amoroso da sua poesia (Pizarro, 1970, p. 2).

O Romantismo constitui mais que um estilo literário, ele expressa a liberdade de expressão artística, liberdade de manifestação da subjetividade e da emoção, explosão de um “eu” criador, sonhador, inconformista, libertação da imaginação criadora, restringida e cerceada por três séculos de subserviência, de obediência às normas clássicas.

4.3 UM BREVE RESUMO DOS DRAMAS

Neste tópico, tem como objetivo fazer uma breve releitura das obras que representam a Estética da Recepção. Torna-se necessário para que se compreenda de que forma os elementos que dialogam uns com os outros foram se materializando de acordo com o que foi recebido a partir das leituras dos dramas.

4.3.1 A COMÉDIA DA CESTINHA (CISTELLARIA), DE PLAUTO

É uma obra de gênero dramático cômico do período romano, os temas de Plauto em suas comédias sempre são fundamentados nos modelos de Menandro, Filemom e Dífilo, seus maiores influenciadores (COUTO, 2006, p. 12).

Os temas nela tratados eram retirados da vida quotidiana, as personagens representavam pessoas do dia-a-dia. A história estava geralmente centrada num conflito amoroso: a paixão de um jovem de boa família por uma moça livre ou por uma cortesã ou uma escrava (COUTO, 2006, p. 12).

A *Comédia da cestinha* tem como protagonistas Alcesimarco, um jovem rico, filho de um velho Sícion, da mais alta nobreza, que é apaixonado por Selênio, uma moça de sangue nobre, que foi abandonada por sua mãe no hipódromo para morrer. Uma velha cortesã chamada Sira, a recolheu e a deu para ser adotada por uma cortesã de luxo sua amiga, chamada Melênis. Mas, a mãe verdadeira Fonóstrata se arrepende e pede para seu escravo Lampadião procurá-la, pois o servo era o único que sabia do paradeiro da moça. Porém, ele esperou para ver o fim da criança e viu quando a velha a recolheu. O escravo acompanhou toda a vida de Selênio e no final se empenhou até o fim para que a história terminasse bem. Por fim os pais verdadeiros reconhecem sua filha perdida e Alcesimarco consegue ficar com seu grande amor.

Nas obras de Plauto que se conhece, bem como: *O Truculento*, *O Gorgulho*, *Os Ménecmos* e a *Comédia da cestinha*, como afirma Oliveira (2013, p. 3), *o servo é bastante ágil em tudo o que faz ou diz, inclusive nas experiências humanas, é ele quem define a maioria das cenas, até mais do que o personagem principal, o qual empresta seu nome à obra, ou seja, o Gorgulho*. Parece uma especialidade do comediógrafo latino, pois, nas comédias citadas todas são assim. As cortesãs também têm papéis fundamentais, e sempre há uma mais experiente nas atividades humanas.

Apesar de ser uma comédia, as características de seus personagens são bem sofisticadas, principalmente o figurino e o modo de atuação no palco. São momentos de confusões e descontração, que prende o expectador. O tempo atinge questões de sessenta minutos, mais não é cansativa, pelas performances dos atos e cenas.

4.3.2 OTELO, O MOURO DE VENEZA DE WILLIAM SHAKESPEARE

Otelo é uma obra do período Renascentista inglês, período em que a rainha Elizabeth I reinava na Inglaterra. Um período em que a nacionalidade do país estava em plena formação.

Shakespeare nasceu em um período privilegiado para o teatro. A Renascença, que chegou tarde a Inglaterra, as recentes descobertas do Oriente e das Américas e tudo o que estava acontecendo na ciência e na tecnologia se

transformaram em inquietações e curiosidades, e ao teatro coube o papel de satisfazê-las (HELIODORA, 2008, p. 9).

O teatro apresentava o que o autor queria mostrar ao público, de certa forma, uma oportunidade de criticar os acontecimentos naquele período. *Otelo* é uma obra dramática marcada por traição e ciúme. A narrativa mostra um cenário de guerras, movimentação política e comportamentos dos nobres com as características daquele período. O texto retoma aos objetivos principais: o amor conturbado entre Otelo e Desdêmona – uma relação que desde o início do casamento é manipulado por Iago. Por sua vez, Iago é um homem maquiavélico capaz de tentar todos os artifícios para subir de alferes a tenente do general. Induz Rodrigo, um fidalgo veneziano, a gastar toda a sua fortuna garantindo-lhe que ao cabo ficará com Desdêmona. Ao final, Rodrigo acaba assassinado por Iago.

Iago, o vilão tece uma série de armadilhas contra Otelo e Desdêmona, usando de perspicácia, aproveita-se de sua própria esposa Emília responsável por roubar o lenço que Otelo dera a esposa, para a partir disso simular uma suposta traição. Na rede, vários personagens secundários são atingidos pela cobiça, tal como Cássio, oficial de confiança de Otelo, que se torna um dos alvos de Iago. Ao final, o trama termina em tragédia, com vários personagens mortos. Emília esposa de Iago é assassinada por ele próprio, Desdêmona é estrangulada por Otelo, vítima do ciúme implantado por Iago. Ao cabo o próprio Otelo se apunhala, ao descobrir que matara Desdêmona injustamente e inocentemente.

É, portanto pertinente aos nossos estudos os pontos de contatos dos períodos propostos neste trabalho, por saber que Shakespeare conheceu as obras antigas no seu tempo de estudante, na Inglaterra. Esta obra é considerada relevante aos críticos literários por ser do gênero dramático e por ter muitos elementos ideológicos, psicológicos e filosóficos do período renascentista.

4.3.3 LEONOR DE MENDONÇA, DE GONÇALVES DIAS.

É uma obra do período Romântico brasileiro, considerada pela crítica brasileira, valorizada pelos críticos literários, justamente por causa de sua autoria. *Leonor de Mendonça* é um drama com identidade altamente indianista e fruto recebido de influências Shakespereana, o próprio autor confirma o que se diz na página: Advertência ao autor;

Aqui extractarei de uma das chronicas portuguesas o trecho que a este acontecimento diz respeito, para os que o quiserem saber nú e simples tal qual o refere à história: ver-se-há que a segui fielmente. Quanto a mim, creio que adoptei o melhor dos factos, quer considerados como verdade histórica, quer como circunstâncias dramáticas; apenas a suppri emquanto me foi preciso para encadear as partes do drama entre si, e inverti-a nas minuciosidades alheias ao meu trabalho, e por isso mesmo de pouca importância para o meu fim.

O drama gonçalvino tem como tema central a vida de um casal nobre; o duque de Bragança e sua esposa, onde questões sociais são levantadas naquele período, como; a eterna sujeição das mulheres e o eterno domínio dos homens (DIAS, 1846, p. 13). D. Jayme o duque é um homem orgulhoso, insensível e severo e tem sua esposa como submissa, quase uma empregada. As narrativas se comparam e contrastam em várias circunstâncias. Gonçalves Dias afirma no prólogo da obra que, *Othelo mata a Desdêmona, mas chora antes de matá-la e depois de tê-la morta; o duque mata a Leonor de Mendonça, mas sem lágrimas, porque o orgulho não as tem*. Características que podemos perceber em seu Drama “*Leonor de Mendonça*” quando se observa a traição não intencional por parte da duquesa, quando há um triângulo amoroso induzido por parte do autor, mas torna esse ponto na obra, uma situação ambígua.

A cobiça é observável quando o jovem Alcoforado deseja ter algo a mais com a duquesa, do que ser um simples criado, ressalta-se também a falta de amor na vida conjugal do casal protagonista, o casamento por parte do Duque era uma farsa, ele tratava a esposa da forma mais cortês possível, sem contar que Leonor era submissa ao marido, era quase que uma escrava, pois tinha que fazer todas as vontades do marido. A rainha gonçalvina não tinha outro vínculo social a não ser ali dentro de sua casa e às vezes quando tinha que fazer curtas viagens, sempre acompanhada do esposo.

5. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NOS DRAMAS: COMÉDIA DA CESTINHA (CISTELLARIA), OTELO, O MOURO DE VENEZA E LEONOR DE MENDONÇA.

Voltando à história, a uns dois mil e cem anos atrás, as leituras que os autores fizeram enquanto leitores causaram efeitos em suas memórias empíricas e eles produziram belas artes, chamadas dramas. Como base nos estudos mais antigos, há menções de que nos dias de hoje exista limites para a Estética da recepção. *Mas, só quem sabe sobre esse limite é a burguesia bem instruída* (JAUSS 1967, p. 5). O teórico

se dispõe a falar sobre isso, porque percebeu que a história da literatura, já estava desaparecendo devido a novos estudos.

Há hipóteses que apontam para os poetas de gênero dramático nas obras supracitadas, percebe-se que eles receberam influências de outros autores, porém, tiveram seu modo e seu estilo de produzir seus próprios dramas e apimentaram ao conteúdo das obras com sua própria realidade. Foucault (1999, p. 375) reforça, *que as ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive em que fala e em que produz*. Correlaciona-se com a experiência de mundo do indivíduo leitor.

Partindo da premissa de que todo o texto lido, decodificado, interpretado, compreendido, escrito e informado de acordo com a experiência de vida do próprio leitor, mais tarde pode se tornar um texto com sentido diferente, o que se pode denominá-lo de adaptação, releitura ou interpretação. Outras discussões vão se formando em torno deste elemento literário, *o que se propõe como boa (e produtiva) leitura é ler dialogicamente o mundo em uma obra escrita; ler as marcas de um homem-sujeito que faz do mundo seu objeto de existência e comunicação – homem que está no mundo* (TINOCO, s/d p. 2). O que se pode atribuir o potencial do leitor, a partir do momento em que compreende o sentido do ato de ler. Para Freire (1989, p. 9) se passa assim:

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da "palavramundo".

A poesia é o exemplo clássico, bem como qualquer outro gênero literário, define-se que é um gênero muito importante para a crítica literária. Por causa dela, os outros gêneros literários foram criticados, houve várias discussões intelectuais em torno do assunto. Segundo Caponnetto (2002, p. 58), *tales características de la verdadera poesia – asi como la imitation y el amor por la harmonia se le presentaban a Aristóteles muy necesarias a la naturaleza humana, porque através de ellas la inteligencia era capaz de descubrir la forma, y sólo la forma es el más empinado fruto de la vida inteligible*³. Ele se refere a Homero, seu inspirador, porque o estagirita

³ CAPONNETTO, 2002, 58. Tradução: Tais características da verdadeira poesia – assim como a imitação e o amor pela harmonia se apresentavam a Aristóteles muito necessário na natureza humana, porque

influenciava-se com todas artes, feitas pelo poeta grego, principalmente pelas belas poesias de *Ilíada* e *Odisseia*⁴. Aristóteles descreve em sua poética o modelo Homérico e a recepção literária. Enquanto, outros estudiosos *ficavam confinados apenas nos dados históricos e na sociologia da comunicação literária* (JAUSS, 1979, p. 11). Porque não era qualquer indivíduo leitor/autor que podia criar outras produções literárias. Visto que o discurso literário representa poder, e o poder ainda nos dias atuais é retido na mão de poucos.

Já os autores dramáticos utilizavam outras técnicas de produção e apresentação, por serem obras apresentadas em cenário. O que há no palco é uma série de responsabilidades nos bastidores. Eles apresentavam suas próprias fruições. São produções feitas para o público, que vão se transformando e revelando a cada apresentação. Mas o que é fundamental, é que não transforma o sentido primitivo. A ideia principal, a que está escrita no drama, não muda.

6. REFLEXÃO SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA ESCOLA.

Aproximando essas reflexões dos teóricos que discutem a ferramenta literária, que dá suporte para o leitor criar suas próprias fruições a partir de leituras. Observa-se que não é tão simples assim. Porque aparentemente há um problema que impede o aluno leitor de refletir, criticar e analisar. Primeiramente através das leituras obtidas neste referencial se detecta um problema massificador, a começar, pelas séries iniciais e uma das principais disciplinas do estudo básico, ou seja, a Língua Portuguesa, medida já observada nos PCNs (1998).

O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série (ou nas duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, pela dificuldade de alfabetizar; no segundo, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir.

através desse conhecimento era capaz de descobrir a forma, e só a forma é o fruto mais íngreme da vida inteligível. (tradução minha)

⁴ Estas duas obras são atribuídas a Homero, que tendo vivido no século VI a.C, caracterizado pela imigração de povos indo-europeus e pela formação da cultura creto-europeus e pela formação da cultura creto-micênica, recebe a denominação de tempos pré-homéricos.

Configura-se a consequência na base de todo o conhecimento. Os estudiosos, dizem que “é preciso olhar o passado para compreender o presente”. Nessas condições, se subentende o grande problema que surge. Há um lapso utópico no momento, o qual se poderá compreender aproximando mais o foco da pesquisa e observar os fatores que levam a isso. Ancoramo-nos mais ainda em Jauss (1967, p. 7) quando ele discute a questão da desigualdade nas produções literárias:

A biografia dos autores e a apreciação do conjunto de sua obra surgem aí em passagens aleatórias e digressivas, à maneira de um elefante branco. Ou, então, o historiador da literatura ordena seu material de forma unilinear, seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de “vida e obra” – os autores menores ficam aí a ver navios (são inseridos nos intervalos entre os grandes), e o próprio desenvolvimento dos gêneros vê-se, assim, inevitavelmente fracionado.

Com um olhar mais sociológico Zilberman (*apud* Gomes, 2008, p. 38), discute sobre essa questão. Porque segue a mesma linha de pensamento do alemão.

A partir da segunda metade do século XX essa postura foi modificada, pois, com os questionamentos suscitados pela obra *After the great divide*, do autor Andreas Huyssen, começou-se a fazer a dissociação entre alta cultura, compreendida como "elitizada e difícil e a cultura popular massificada e alienante". Observa-se no posicionamento assumido pelas teorias literárias, a partir da década de 40/50, uma proposta divergente do viés linguístico que até então era utilizado (como nos estudos do *New Criticism*, Formalistas Russos, Estruturalistas). Os teóricos literários envolvidos com a Estética da Recepção, Fenomenologia e Sociologia da Literatura (citada anteriormente) buscaram promover a importância da função do leitor/receptor das obras de arte.

Nota-se aí o grande problema, ao qual está relacionado a este estudo, observa-se desde já, que a questão é notadamente desigual, e por mais que os PCNs (1998, p. 7) diga que o aluno tem a chance de;

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos.

Presencia-se o contrário no comportamento dos alunos, uma questão muito presente na modernidade. O aluno precisa compreender que todos os fatores que o circundam estão diretamente ligados ao esquema da sua vida e obra, ou se pode esclarecer que seu problema é estritamente condicional. O aluno precisa ser orientado

pela família e pela escola, o posicionamento que deve ter em sala de aula. No caso, ele próprio deve reconhecer que depende única e exclusivamente dele a vontade de se interessar pelos textos oferecidos pelo governo, caso contrário, jamais conseguirá ser um bom leitor/autor e jamais conseguirá refletir com dignidade, analisar e criar suas próprias fruições sobre seu próprio contexto histórico e situá-lo entre outros contextos. Até porque, quem tem o domínio da situação escolar é a burguesia instruída e a academia, quando bem estudada como já mencionou Jauss. E dela fazem parte, quem realmente são os que determinam o que pode e o que não pode ser conhecido.

É de extrema relevância as contribuições dos professores contemporâneos que fazem uma abordagem mais moderna sobre o ato de ler e como eles percebem a deficiência que existe na educação. Por compreender-se que foi a partir da leitura da literatura, análise e obtenção dos dados que motivaram este estudo.

Para tanto, inseriu-se nesta discussão *A importância do ato de ler* (1989), de Paulo Freire e *O que é a Leitura?* de Maria Helena Martins (2006, p. 8) principalmente na afirmação em que a leitura se manifesta em várias situações como: *fazer a leitura de um gesto, de uma situação; ler a mão, ler o olhar de alguém; ler o tempo, ler o espaço*, indicando que o ato de ler vai além da escrita. A importância e a necessidade do ser humano saber fazer este tipo de leitura, ou seja, a partir destes gestos *decodificam-se* as palavras, se faz uma leitura e compreende qual é o significado da mensagem. Não se está obrigando o aluno ler as obras citadas neste trabalho, mas o que se objetiva é fazer com que o mesmo perceba as origens, reflita que há pontos de contato na literatura, e que os autores, conhecem cientificamente o que escrevem, por isso são reconhecidos e estão no cânone literário.

Como os PCNs (1998, p. 10) afirma, na vida, na produção do discurso, algo semelhante ocorre. São muitas as janelas para se escrever um texto. Se o aluno não aprender abri-las, as chances de não se chegar a lugar nenhum é muito grande. Eis, portanto, a grande importância do empenho do professor, versos, do aluno, versos família, versos, governo. Todos tem sua contribuição nessa causa, mas o empenho maior precisa surgir do aluno. E essas obrigações e deveres estão regidos no cap. IV do *Estatuto da criança e do Adolescente* (1990), onde a responsabilidade por sua educação e orientação; tal responsabilidade incumbe, em primeira instância, a seus pais. A diversão deve ser proporcionada pela sociedade e autoridades. E em terceira instância ele tem o direito de receber a educação escolar de forma gratuita e obrigatória. Para Martins (2006), a leitura não se limita apenas nas entrelinhas do texto, a viagem é mais

profunda. Paulo Freire não se importa com a condição em que o ser humano se encontra, mas para ele importa, sobretudo, a dignidade humana. Cabe nesta discussão, também o ponto de vista da avaliação da aprendizagem nas escolas, os vários fatores que influenciam nas consequências que se observa no ensino contemporâneo.

Segundo Lukhesi (2006, p. 17) o mais visível e explícito exemplo dessa pedagogia está na prática de ensino do terceiro ano ensino médio, em que os alunos estão sendo treinados para competir numa avaliação externa, para testar conhecimentos mecânicos. Em outras palavras, esse tipo de escola não ensina o aluno a refletir ou criticar está apenas interessada em alcançar números de aprovação.

Apontam-se alguns fatores que provocam a desmotivação do aluno em relação à disciplina “Literatura” entre elas, as que mais chamam atenção; Desmotivação causada pela falta de conhecimento da importância da literatura na sociedade. A falta de orientação por parte dos pais a respeito da leitura. A superficialidade como é passado o conteúdo em sala de aula. A influência das redes sociais presente na vida dos alunos. Portanto, é importante enquanto professor fazer com que *o aluno seja dono de sua própria aprendizagem e poder refletir e ter uma visão crítica das leituras que fizer daqui por diante, ter a maior interação dentro de seu grupo social e ter um enriquecimento cultural e social.* (GUIMARÃES E ZULIM, S/D). Com um olhar sociológico estrutural no âmbito da educação, conta-se com as reflexões psicológicas e sociológicas, para tanto contamos com o auxílio da *Didática Geral* (1942) de Claudino Piletti, que discute sobre os métodos de ensino e aprendizagem do professor.

Portanto, o objetivo principal é envolver os teóricos, numa discussão em que juntos se possa encontrar uma contribuição para ajudar a educação brasileira melhorar seu método de ensino e ao mesmo tempo fazer com que o aluno compreenda que ele é peça fundamental dentro deste estudo. Fazê-los compreender que quando os textos são revisitados, eles se tornam novos e com uma carga de influências de outros povos, de outras culturas, de outros costumes, cujas influências causam efeito no leitor e ajudam o mesmo a ser um produtor de sentido. Ajudará o aluno compreender de que forma ele tem capacidade de aprender. Pode ser em qualquer lugar, ou por meios diversos. Ele só precisa saber que existe um elemento muito importante que fará com que ele reflita mais o meio que o cerca e se ancorar neles.

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. TIPO DE PESQUISA – FENOMENOLÓGICO-DIALÉTICA

O indivíduo passa por um contínuo processo de desenvolvimento e transformações científicas e filosóficas ao longo de sua vida. Duas vertentes completamente distintas, mas necessárias para se alcançar o êxito nesta pesquisa. Segundo Gil (2010), diversos autores dedicaram-se a definir modelos de pesquisa fenomenológica. Dentre os mais conhecidos estão: Van Kaam (1959), Giorgi (1985), Colaizzi (1978) e Van Manen (1969). *Mas, em seus estudos eles definiram que nem tudo estava pronto e acabado.* Porque não se termina de fazer um trabalho científico, ele abre lacunas para serem investigados, a partir dele abrem-se espaços para outras pesquisas.

Com isso, esta pesquisa vem analisar as transformações que ocorrem no meio social, especificamente em duas salas de aula do terceiro ano do ensino médio vespertino. *Trata-se, pois de um tipo de pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção* (GIL, 2010, p. 39). Neste caso, tentar compreender as dificuldades que os alunos têm para assimilar os textos que são discutidos em sala de aula. Busca-se compreender através dos métodos de abordagens, técnicas de pesquisa e a criatividade enquanto pesquisadora (Deslandes, 2009, p. 14), as principais dificuldades da assimilação da Estética da Recepção durante as explicações sobre literatura dentro da sala de aula.

2. ABORDAGEM QUALITATIVA ANALÍTICA DESCRITIVA

Este estudo também remete ao método de abordagem qualitativa analítica descritiva, porque representa esta pesquisa em dois aspectos, segundo Gil (2010); *como lógica do pensamento aplicada à compreensão dos processos históricos das mudanças e dos conflitos sociais; como método da investigação da realidade.* Esse método ajudou a observar se há elementos literários clássicos discutidos em sala de aula, ou se os professores mencionam sobre eles durante as explicações e se contextualizam leituras atuais com leituras dos temas clássicos em sala de aula e se dão a importância a esses estudos, considerando que através deles é possível instruir um simples leitor e torná-lo crítico através desse elemento literário. Porque ele mostra o que está oculto e não é revelado e nem percebido por um simples leitor. O estudo investiga sobre a

contextualização desse tipo de gênero, por ter bastante conteúdo e através dele subtrair muitos conhecimentos científicos.

Uma alternativa viável para mostrar aos alunos de que forma eles recebem as leituras em sala de aula e saber se eles refletem e criticam sobre tais textos. Se alguma vez, eles já fizeram comparações entre os textos que são trabalhados em sala de aula, com outros tipos de textos, os Greco - romanos, renascentistas e românticos por exemplo.

3. MÉTODO HISTÓRICO

Adota-se o método Histórico por entender que os textos selecionados para serem trabalhados fazem parte de contextos históricos distintos e diacronicamente distantes. Conforme Lakatos e Marconi (*apud* Prodanov e Freitas, 2013, p. 36), *no método histórico, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; considera que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função.* Como a pesquisa faz referência a fatos que os autores/leitores trazem para dentro de suas obras, e estas continuam no contexto atual é importante à verificação na metodologia do professor.

Para se obter os resultados propostos, houve momentos de interação de atividades com os alunos, bem como: Apresentação teatral da Peça cômica plautina, *A comédia da Cestinha*: Oficinas de leituras das obras: *Otelo, o Mouro de Veneza*, de Shakespeare e *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias. Depois que os alunos Assistiram a peça eles expressaram no papel o que acharam da apresentação. E então se observou a aceitação dos mesmos pelas leituras clássicas notou-se que eles não conseguiram criticar ou refletir a respeito delas, como alunos de terceiro ano. Verificou-se a dificuldade de expressarem no papel o que observaram e também nenhum deles se habilitou a falar. A intenção era fazer com que os alunos compreendessem que os autores modernos usam até hoje referências dos escritores antepassados. E também instigar para que eles se expressassem, mas o resultado foi o que os PCNs dizem; São aulas que quase o aluno nunca se expressa, e quando é dada uma oportunidade, se tem uma grande surpresa, pelo fato dele não saber discernir o que são textos literários e não literários (Brasil, 2000, p. 16). Observações que serão discutidas no terceiro capítulo.

4. PERTINÊNCIA AO TEMA

Considerando as principais dificuldades que os alunos têm de assimilar o diálogo entre os textos literários clássicos e modernos por intermédio da Estética da Recepção foi que surgiu o elemento chave que sustenta esta pesquisa. Torna-se relevante à verificação no Ensino Médio em uma escola pública em Parintins, por se observar que estes estudos são mencionados desde o sexto ano do ensino fundamental até o ensino médio e mesmo assim ainda observa-se a falta de amadurecimento literário nas atividades escolares na disciplina Literatura, quando passam para o nível mais avançado.

É relevante aos professores de língua portuguesa saberem sobre essa deficiência, e assim poderem ajudar seus alunos a compreenderem a origem dos textos. Abrindo o pensamento reflexivo e crítico deles, enquanto ainda estão no terceiro ano do Ensino Médio. Para quando os mesmos forem aprovados em um curso de nível superior, estes terem competência suficiente para fazer leituras críticas e compreenderem do que trata os conteúdos inicialmente abordados. Atribui-se essa dificuldade enfrentada pelo aluno, por ele quase nunca ter contato com tais leituras, embora o cinema, as redes sociais, o rádio e a televisão estejam sempre a utilizá-las. Principalmente ao que se refere aos autores da dramaturgia que foram mencionados neste texto.

Porquanto, pensa-se numa das dificuldades de compreensão de expectativas de horizontes, tomada com grande dimensão entre o texto e o leitor. A princípio pode-se esse elemento como intertextualidade, já que este faz diálogos com textos ou obras do mesmo período, no entanto, a Estética da Recepção se ocupa de fazer análises literárias de um tempo diacronicamente distante entre as obras literárias. Mas, também se observa que as raízes de todo o conhecimento ocidental são os estudos da antiguidade greco-romana.

Constata-se na literatura moderna que os autores literários se utilizam de muitos fragmentos do período clássico para enriquecer suas construções narrativas. Por isso, se vê a necessidade de conhecer os clássicos. Para fazer o aluno compreender, que fragmentos de trabalhos literários dos grandes poetas e autores, estão dentro dos livros didáticos e eles não sabem disso porque não lêem. O professor como orientador e monitor dentro da sala, precisa fazer a contextualização para que eles busquem, despertem e melhorem o interesse pela leitura clássica, e fazer com que eles aumentem o seu nível de leitura.

5. INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Este tópico vem fazer uma relação dos instrumentos que foram utilizados para fazer a coleta dos dados que foram empregados nesta pesquisa. Este texto tem como ponto de vista dos procedimentos técnicos; pesquisas bibliográficas sistemáticas, por se valer de materiais já impressos como livros, revistas, teses, dissertações e anais de eventos científicos (GIL, 1991). Observação Direta ou assistemática por descrever tudo o que aconteceu nas salas de aula durante o estágio Supervisionado II. O questionário também foi aplicado para investigar algumas questões pertinentes ao tema. Foi utilizado também dados da peça plautina “A comédia da Cestinha” que foi apresentada no palco da Ufam, onde alguns alunos de terceiro ano do ensino médio participaram como expectadores, esses dados serviram apenas para evidenciar algumas dificuldades dos alunos. Por haver atualmente outros formatos de comunicação, obtiveram-se fontes de pesquisa encontrada nos sites de busca na web.

5.1 OBSERVAÇÃO DIRETA (OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA OU DIÁRIO DE CAMPO)

A coleta de dados começou no momento do Estágio Supervisionado II, onde se fez breves observações dentro das salas de aula, no 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual “Tomazinho Meirelles”, onde estagiamos. Onde se pode notar de que maneira são oferecidas as aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

Observamos muitos fatores que envolvem esse mundo de estudantes: muitos jovens no terceiro ano do ensino médio já são independentes e não moram mais com seus pais, muitos já tem sua própria família. Alguns não se interessam pelos livros, por causa do mundo virtual. A maioria deles dá muita importância às conversas e as informações virtuais. Tentaremos descrever o período em que se seguiu o processo de Estágio Supervisionado II.

5.2. RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Dia 23 de fevereiro de 2016, começou-se o estágio na sala do terceiro ano de Ensino Médio, uma turma razoavelmente comportada; alguns alunos ficavam calados e ouvindo a professora dar aula sobre o pré-modernismo. A mesma explicou o conteúdo, bastante resumido. Deu exemplos dos três grandes escritores que representam esse período literário, como Euclides da Cunha, Fernando Pessoa e Raul Bopp. A professora também abordou sobre o Quinhentismo, falou um pouco sobre o teatro português, o que podemos refletir que *a nossa literatura não é genuinamente brasileira, ela bebe nas fontes europeias* como afirma Jacobbi (1958), e as europeias bebiam nas fontes de outras origens, como nas fontes greco-romanas, por exemplo. Por isso torna-se relevante o tema de nosso trabalho.

Durante o período de estágio, a professora fez breves abordagens sobre outros conteúdos como: A literatura informativa, Jesuítica, Movimentos de Transição (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo).

Verifica-se que durante a explanação das aulas, os alunos, ouvem, prestam atenção, mas algo os impede de fixar o conteúdo, talvez por causa da superficialidade com que são explanados. Muitos alunos não estão interessados em aprender nada, eles não dão a mínima ao que a professora explica, pedem para bater o sino para terminar logo o tempo. Observa-se que o conteúdo é alheio a realidade vivida do estudante, a contextualização deixou a desejar. Não houve nenhum trabalho de fixação para que o assunto ficasse memorizado. Sem contar que, aparentemente, não houve um planejamento de aula adequado para os tempos de 50 minutos. Em conversa com alguns alunos, perguntou-se o que eles sabiam sobre período literário, alguns tinham noção do que fosse e outros não. Este não é um problema generalizado, depende de profissional para profissional.

Presenciou-se outra professora dando aula no terceiro ano, mas em outra sala, e observou-se outra metodologia. Nesse caso, esta outra professora, trabalhou o mesmo conteúdo da anterior, mas cobrou a atividade em sala de aula e os alunos são mais interessados nessa turma. A professora passou o trabalho em grupo, mas a nota foi individual. Observou-se a contextualização dos autores antigos com os modernos.

Mas, um caso chamou-nos a atenção nessa segunda turma: o interesse de um dos alunos em escrever poemas. Um dos seus poemas chamava-se “Em busca da minha metade”, contudo constata-se que ele não se interessa em leitura da literatura aplicada pela professora. E quando perguntou-se a ele, que livros já tinha lido? Ele simplesmente respondeu: - “Nenhum, não gosto de ler”. Observa-se aí a falta de interesse pela leitura,

pelo fato do mesmo aluno não se importar com “o ato de ler”. Não se dispensa aqui, o conhecimento de mundo do aluno, mas se pensa envolvê-lo no ato de estudar, de Freire (1989, p. 47), sobre a avaliação que corrige a prática, melhora a prática, aumenta a eficiência do leitor/autor. Lembrando que a ausência de leitura prejudica a escritura e a inspiração. Para que haja essa avaliação é necessário que o aluno tenha o hábito da leitura.

Na terceira turma de terceiro ano do Ensino Médio, os alunos aprenderam como expor um seminário, a professora foi orientando passo a passo, para que os alunos compreendessem bem, para que, em outra data executassem o trabalho. E assim se seguiram os dias com assuntos de terceiro ano do Ensino Médio como: A arte Literária, A linguagem literária, A literatura Medieval, O século XVI em Portugal e no Brasil e outros assuntos.

No segundo ano de Ensino Médio, foi trabalhado o Romantismo, na qual a professora falou sobre o contexto histórico. Os assuntos dentro da história, fatos que estavam acontecendo nesse tempo e sobre a origem dessa estética. Fez abordagens sobre o Romantismo em Portugal e no Brasil. Mas, percebeu-se que os alunos não davam muita importância ao assunto. Far-se-á, ou procurar-se-á fazer uma análise mais profunda para verificar essas deficiências que dificultam o interesse e o aprendizado dos conteúdos abordados. Esse período literário foi trabalhado durante vários dias. A professora abordou assuntos de Língua Portuguesa bem como: dos campos gramáticos: Fonologia e seus elementos, produção de textos. Inseriu literaturas e Morfologia e seus elementos. Como já foi dito, esta professora conhece e usam ótimos métodos, ela contextualiza e compara os textos literários, além de se posicionar muito bem entre as duas disciplinas mescladas: Língua Portuguesa e Literatura.

No primeiro ano de Ensino Médio foram abordados vários assuntos como: dos campos de linguagem, textos e literatura; língua e linguagem, verso e prosa, sequências textuais, gêneros textuais, literatura e gêneros literários. Usaram-se contos, novelas, crônicas, canções de hoje e sempre: para entender os textos, as palavras no contexto, gramática textual, literatura: teoria e história, linguagem oral, língua, análise e reflexão, prática de linguagem, produção escrita. Nota-se nos livros didáticos que os alunos são bastante instigados para o ramo da leitura do primeiro ao segundo ano do Ensino Médio, mas a questão maior é a falta de leitura. Eles não gostam de ler os assuntos que estão nos livros, considerando que esse hábito é culpa coletiva: escola, família e sociedade. Observou-se que eles se contentam apenas com a explicação do professor em sala de

aula, são meros espectadores, exército de não pensantes, assentados e enfileirados em aulas padrão.

Para eles essas leituras parecem ser obrigatórias. Durante os estudos das correntes literárias renascentistas e romancistas nas salas de Ensino Médio, não se ouviu o professor mencionar sobre as influências da literatura clássica arcaica. O que podemos perceber uma lacuna a ser preenchida. Esses assuntos não estão explícitos nos livros didáticos, mas, quando o professor conhece ele contextualiza. Outra questão, verificada em meio ao conhecimento dos alunos dessa fase, é de que não adquirem a competência das leituras reflexivas e críticas, eles demoram entender os textos que são trabalhados em sala de aula. Quando os professores perguntam sobre o que entenderam, ficam calados e não respondem. Outra questão foi verificar que os professores pouco utilizam a literatura clássica em sala de aula no ensino médio. Ignora-se se o faz por vontade própria ou por falta de conhecimentos dos temas clássicos.

Aparentemente não houve um despertar, uma contextualização em sala de aula por parte de alguns profissionais da educação. Não há uma ponte para fazer o aluno refletir sobre os assuntos que estuda, fazê-lo refletir que as narrativas seja dentro do livro, na televisão ou na internet fazem parte do passado, mostra-lhe o presente e prepará-lo para o futuro. E que precisa continuar a reflexão, a crítica. Foucault (1970) *os alunos não precisam se impor a uma forma ritualizada, como sinalizadores a distância*. Precisam realmente entrar a fundo para compreender o texto e formar sua experiência estética. Assim eles não precisam chegar ao final do terceiro ano do ensino médio, sem se lembrar de nada. Nesse período de transição, eles esquecem-se do que leram anteriormente e não se interessam mais em refletir ou fazer uma análise crítica dos conteúdos que aprenderam durante esse tempo. Diante desse motivo, Moreira (2014, p. 7), diz que a reflexão sobre o que realmente pode contribuir para o afastamento entre crianças e livros, nomeadamente os contextos socioeconômicos e culturais, os meios de comunicação, designadamente a televisão e a internet e o suposto papel ineficaz da escola. Esta pesquisa refere-se aos conteúdos voltados exclusivamente a literatura clássica. Pois estas estão bem decodificadas, podem fazer com que o aluno nunca mais se esqueça das origens de todo o conhecimento científico.

Levando ainda em consideração que os alunos não conseguem fazer a ligação entre os períodos literários. Eles ficam confusos, quando se pergunta em que período viveu tal autor? Torna-se relevante à ideia de apresenta-los um elemento literário que vem iluminar as ideias. Apresentou-se a eles através de leituras literárias, um novo

modo de analisar os textos e valorizá-los com a incumbência de inserir o conhecimento empírico do escritor/leitor, o qual transpõe sua própria identidade e usa como plano de fundo e o adequa ao seu contexto histórico. Os autores *trazem situações de uma determinada sociedade para dentro de sua própria obra* (JAUSS, 1979, p. 50).

É um dos objetivos da pesquisa, mas deve-se considerar que há muitos fatores que implicam na aprendizagem dos alunos. Esses fatores se arrastam por toda a trajetória estudantil como afirma Moreira (2014, p. 6), *o quadro atual do ensino da língua materna evidencia lacunas do desenvolvimento das competências da leitura, verificando-se que crianças em fase final do 1º Ciclo do Ensino Básico, ainda apresentam fragilidades na compreensão leitora*. Outro fator é o horário noturno, percebe-se o cansaço e a desmotivação de muitos alunos, além disso, agravava-se ainda mais, por causa dos muitos equipamentos que são utilizados em sala de aula, se encontrar danificados. Outro fator que implica, é a indisciplina arraigada no comportamento de muitos alunos. Torna-se um obstáculo, pois esses alunos ainda não entenderam que precisam estudar para situarem-se bem na sociedade. Em certos momentos presenciou-se a desordem total ao que a professora se posicionou com louvor. Pediu aos alunos que não quisessem assistir a aula, “que, por favor, saíssem, a porta estava aberta”. Em seguida pediu que fizessem silêncio e ela começou explanar o assunto.

Na condição de professora, observa-se que o processo ensino-aprendizagem, não é um processo simples, em que o aluno só chega à sala de aula, o professor passa atividade e o aluno aprende. É bastante mais complexo. Vê-se a necessidade do professor ser o agente da mudança, o professor precisa fazer o papel de artista, ter um jogo de cintura para conseguir fazer os alunos interagirem com os conteúdos abordados. Como bem afirma a REVISTA NOVA ESCOLA (2006).

Em muitos casos o enfoque se distancia das práticas de leitura. Fora da escola, lê-se para aprender, fazer certas coisas ou saber algo sobre um assunto de interesse ou inteirar-se sobre os acontecimentos. No caso da literatura pode-se dizer que se lê para entrar no mundo possível. Na escola costuma-se ler para aprender a ler e só. Pode ser as crianças, sobretudo, as que provêm de meios sociais onde não se produzem valores, aprendam como se faz, mas não para que se faz. Nesse caso terão dificuldades em ver sentido na escola.

Obviamente que não depende apenas do esforço do professor, muito também do aluno em querer aprender e a colaboração dos pais, do seu interesse pelo aprendizado de seus filhos. Foi o que se presenciou nas observações feitas em relação ao Ensino Médio.

Durante o período do Estágio Supervisionado II, no qual se tomou alguns fatores para investir no Trabalho de Conclusão de Curso, conclui-se que foi de extrema relevância ter contato com o laboratório de pesquisa. Assim o estágio trouxe uma experiência inesquecível e obteve-se a chance de interagir com os alunos os quais serão elementos fundamentais para a modelação à docência.

5.3 QUESTIONÁRIO

Será incluída dentro da pesquisa a aplicação de questionários abertos, como estratégias para a coleta de informações, necessárias para o aprofundamento do presente trabalho no capítulo da Análise de Dados, que haverá de se sustentar por meio de respostas que poderão ser dadas a questões como: O tipo de escola, a idade e o sexo do aluno. A presente investigação necessita saber se o aluno gosta de ler e a frequência de leitura. É importante saber: que tipos de livros o aluno já leu? E se o mesmo pode indicar o último livro que já leu. Se alguma vez ele foi à biblioteca pública? É importante explorar se o aluno gosta de ler os clássicos, o abordando com questionamentos como: Se ele já ouviu falar de William Shakespeare? O que ele sabe sobre o poeta? Investir também na literatura brasileira que bebe em outras fontes e saber: O que ele lembra sobre o período do Renascimento? Se ele já ouviu falar sobre Gonçalves Dias? O que ele sabe sobre o poeta indianista? O que ele lembra sobre o período do Romantismo? É necessário saber um pouco sobre o aluno, para analisar, e ver as possíveis dificuldades que ele tem para estudar, sabendo se ele exerce outras atividades que impedem no desenvolvimento de tal função, como: O que ele faz? Se ele mora com os pais? Quantos irmãos ele tem? Quantas meninas e quantos meninos? Quantas pessoas moram na mesma casa com ele? Se ele tem um lugar só seu para estudar? Quem contribui para o sustento da casa que ele mora? Qual a religião dele?

Qual é a formação dos pais dele? O que eles fazem? Se os pais dele o incentivam a estudar? Se ele sempre morou em Parintins? Se não, que ele justifique de onde veio? Porque ele estuda? Se ele já sabe o que vai fazer, depois que terminar o ensino médio? Como a pesquisa analisa também a influência dos pais na formação dos alunos, faz-se necessário tais questões: Se os pais dele costumam ler? Se eles costumam ler, quais os

tipos mais frequentes: jornal, revistas, relatórios profissionais, livros técnicos ou outros (romance, poesias etc).

Os questionários também se aplicaram aos professores, para averiguar a outra parte do problema e para isso também se elaborou uma pesquisa quase idêntica a dos alunos, para que se pudesse obter o máximo de dados. Também se inseriu alguns questionamentos ao nível de formação à docência onde Kleiman (*apud* Maia, 2007, p. 31) afirma que *o ato de ler depende das práticas do professor ainda na alfabetização, reforça aspectos negativos sobre o livro e a leitura, de modo que logo o aluno passa a ser mais um mal leitor em formação*. Com isto, se quer saber tais afirmações em nível mais elevado, como esse método funciona no Ensino Médio. Para se compreender melhor tal comportamento, criaram-se os questionamentos abaixo.

É preciso saber se o professor gosta de ler. O que ele sabe sobre leitura. Se ele acha que os livros literários que lemos são criação de um imaginário individual. O que ele pensa a respeito do leitor. Saber do professor se ele se acha capaz de escrever um livro. Quantos e quais livros ele já leu. Relevante ao trabalho é necessário saber se conhece alguma coisa sobre Shakespeare. Foi necessário pedir para que ele dissertasse sobre o período renascentista e sobre o romantismo. Saber o grau de conhecimento sobre o autor Gonçalves Dias. Para investigar se o professor tem conhecimentos que possam ser contextualizados.

Muito importante também é o questionamento sobre a Estética da Recepção, para saber se ele tem conhecimento do assunto abordado. Se ele alguma vez trabalhou o teatro em sala de aula e como foi à experiência. Com qual dos autores acima ele se identificaria, para saber até onde vai à dedicação sobre literatura, considerando que o professor que faz a escolha para ser professor, precisa gostar de ler principalmente os autores da literatura, porque tem muito a contribuir com o conhecimento científico. Foi necessário saber sobre um pouco sobre a estrutura profissional do professor. Verificar o quanto ele se dedica para trabalhar com o ensino médio e se tem paixão em contextualizar os conteúdos limitados que os livros didáticos dispõem. Saber se ele exerce outra profissão, além de professor, por refletir, que um profissional que não se dedica exclusivamente à sua função, não tem tempo para estudar e aprender mais para repassar aos alunos. O relacionamento familiar e a situação financeira influenciam também no bom desempenho da profissão, pois onde tudo vai bem, o profissional se sente protegido e em segurança.

Investigar sobre a religião é por considerar que muitas pessoas habituadas a ler seus conteúdos, tem mais conhecimento de tudo que os cerca e consegue contextualizar várias passagens que estão na *Bíblia*. São capazes de fazer intertextualidades quando leem outros textos. Questionou-se sobre a importância da literatura para saber se o professor sabe o significado da literatura, para assim poder contribuir com seus alunos. Preocupou-se em verificar se eles acham importante o estudo da Sociologia e da Filosofia no Ensino médio por considerar, que são disciplinas muito importantes para que o aluno aprenda a formar sua própria opinião e porque elas estão entrelaçadas com a Literatura. Saber sobre a vida profissional do professor se faz necessário, para saber se o mesmo tem competência para gerir uma sala de aula. Entre outras questões voltadas nesse sentido, além de levantamento Bibliográfico de obras que legitimarão os resultados da pesquisa que se dará após análises.

6 CRONOLOGIA

ATIVIDADES	2015	2016					
	JUL	FEV	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X		
Leitura e Fichamento do material	X	X	X	X	X		
Elaboração do Referencial teórico			X	X	X		
Definição do modelo de pesquisa				X			
Planejamento da pesquisa empírica				X			
Elaboração dos instrumentos e coleta de dados					X		
Observação estágio I	X						
1ª coleta de dados	X			X			
Escrever o pré-projeto			X				
Observação estágio II		X		X			
2ª coleta de dados					X		
Entrega do TCC aos avaliadores						X	
DEFESA						X	

CAPITULO III – AS PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA ASSIMILAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NOS ESTUDOS CLÁSSICOS PELOS DISCENTES.

Este capítulo tem como objetivo mostrar os dados coletados e mesclá-los a uma discussão com os pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa. Faz-se um breve relato do espaço onde aconteceu a coleta de dados. Dados onde através deles, serão apresentados a realidade dos alunos e professores que fazem parte do terceiro ano do Ensino médio em uma escola pública de Parintins Am. Questionamentos a respeito da “liga” que poderia fazê-los serem críticos e reflexivos, ou seja, a leitura. Por compreender que somente a partir dela é que se pode partir para outros elementos literários que dialogam uns com os outros. O objetivo neste tópico é identificar as principais dificuldades para assimilação da Estética da Recepção nos Estudos clássicos pelos discentes.

1. CARACTERÍSTICA DO ESPAÇO INVESTIGADO

Observou-se uma escola, com prédio próprio, é construído especialmente para a escola, é todo em alvenaria. O prédio atende as necessidades da escola, a conservação do prédio é boa. São dois pavimentos com um número de 14 salas de aula. Tem as dependências para serviços técnicos, orientação educacional, assistência pedagógica, auditório, um almoxarifado, laboratório de informática, biblioteca/sala de leitura e uma sala para atendimento de projetos relacionados à educação.

Em relação às dependências sanitárias: os lavatórios e vasos sanitários são adequados, chuveiro não possui. Comporta o numero de matrículas para 1609 alunos,

Atende o Ensino regular nos níveis fundamental e Médio. Não tem Acessibilidade adequada a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Não oferece Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Não tem Atendimento Educacional Especializado (AEE). Isto quer dizer que a escola nesse ponto, não atende as legislações e normas de acessibilidade de edificações.

Para o horário de recreio tem quadra de esporte coberta com arquibancadas, possui quatro pátios internos, dois no térreo e outros dois no segundo pavimento. A

cozinha é bem equipada, toda adaptada às necessidades escolares. Há dois bebedouros que atendem à demanda escolar e a água é potável do Saae.

2. IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO – FALAS E REFLEXÕES

O presente tópico trás informações dos sujeitos do universo (Gil, p. 94) da presente pesquisa, e são constituídos por alunos e profissionais da educação de duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio com um total geral de quarenta e nove alunos que foram questionados, ou seja, três (3) estudantes e duas (2) professoras que fazem parte do corpo docente e discente do espaço investigado do horário vespertino. Já com os dados em vista, tem-se a necessidade de analisá-los conforme os pressupostos teóricos desta pesquisa.

No entanto, considerando que o trabalho é uma conclusão de curso e sabe-se que no momento é impossível inserir dados de uma população bastante abrangente, surge à necessidade de pesquisar somente uma parte. Ou seja, aproximadamente 5% de cada categoria. Os sujeitos pesquisados foram selecionados através da amostragem probabilística aleatória simples Gil (1987, p. 93), considerando que qualquer um dos alunos ou professores desse universo, têm a chance de ser sorteado e prestar as devidas informações.

As declarações que serão discutidas em relação ao quadro I, são dados obtidos somente através dos questionários Gil (1987, p. 124) aplicados em sala de aula como já foi mencionado, mas também serão rebuscados fatos e dados coletados que estão no diário de campo (observação assistemática), que foram colhidas no período do Estágio Supervisionado II, que segundo Gil (2010, p. 20), este procedimento é fundamental na construção de hipóteses, o qual faz parte dos descrito como instrumentos nos procedimentos metodológicos. Os nomes dos sujeitos são fictícios, para resguardar suas identidades.

Abaixo se contempla o perfil dos educandos selecionados através da amostragem mencionada anteriormente. Nele constam informações que serão discutidas logo abaixo.

Quadro 01 – Identificação dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

Nome fictício	Idade	Sexo	O que faz?	Mora com os pais?	Nº de pessoas que moram na casa?	Quem contribui para o sustento da casa?	Religião
Louise Turma (Y)	17	F	Só estuda	Sim	Seis pessoas	Os pais	Evangélica
Thaís Turma (X)	17	F	Trabalha de manhã, estuda a tarde e faz curso a noite	Sim	Quatro pessoas	Os pais	Católica
Ben 10 (X)	17	M	Nada	Sim	Sete pessoas	Minha mãe e meu irmão	Católica

Fonte: pesquisa de campo, outubro 2016.

Verifica-se, através das informações no quadro acima, que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, são todos na faixa etária regular. A maioria dos estudantes entrevistados mora com os pais. Isso significa que cada um deles tem estrutura suficiente para se interessarem mais pelos estudos. Apenas doze alunos dos quarenta e nove entrevistados, se sobressaíram na pesquisa em relação leitura. Eles têm um diferencial, eles gostam de ler bastante.

Louise é a personagem que representa a primeira categoria dos estudantes que estão nesse universo, dos que se interessam mais por leituras. Porém, somente uma pequena parte dos estudantes desse universo está na condição dela. Ela mora com os pais, não precisa trabalhar, os seus pais trabalham para mantê-la na escola. Ela tem a oportunidade de aprender mais. É consciente de que seus pais se esforçam para que ela esteja exclusivamente na escola.

Hoje os alunos têm a oportunidade que antes não havia, como Jauss (1979) fala no capítulo I, que antes era realmente uma questão financeira, onde somente a burguesia tinha acesso ao conhecimento. Na atualidade o acesso está escancarado para todos. Mas, muitos alunos não sabem disso, são informações que precisam ser repassadas ainda no ensino médio, onde eles ainda estão se preparando para uma instância maior.

Durante a coleta de dados, os questionários foram entregues para serem respondidos por quatro professores, mas não se obteve retorno de dois deles até a presente data. O que não fez diferença, os professores que colaboraram, suprem as informações necessárias e enriquecem o texto. São professores “capacitados e tem

formação” para ministrar as aulas no nível educacional discutido. Nesse contexto se têm no quadro abaixo os caracteres profissionais dos sujeitos investigados.

Quadro 2 – Identificação dos Professores do terceiro ano do ensino médio.

<p>PROFESSORA DE 3º ANO ENSINO MÉDIO</p> <p>Nome: Moema</p> <p>Tempo de docência: 10 anos</p> <p>Idade: 36 anos</p> <p>Casada: sim</p> <p>Nº de pessoas que moram na mesma casa: 04</p> <p>Religião: Católica</p> <p>Contribuem para o sustento da casa: Ela e o marido.</p> <p>Religião: Católica</p> <p>Formação: Licenciatura Plena em Letras</p>	<p>PROFESSORA DE 3º ANO ENSINO MÉDIO</p> <p>Nome: Analice</p> <p>Tempo de docência: 16 anos</p> <p>Idade: 35 anos</p> <p>Casada: sim, há 20 anos</p> <p>Nº de pessoas que moram na mesma casa: 03</p> <p>Religião: Evangélica</p> <p>Contribuem para o sustento da casa: Ela e o marido.</p> <p>Religião: Evangélica</p> <p>Formação: Licenciatura Plena em Letras</p>
--	--

Fonte: questionário, outubro 2016.

No quadro acima se tem as informações mais básicas dos professores que fazem parte do universo desta pesquisa. Observam-se professores com bastante tempo na docência. Mas que até o presente momento ainda praticam as mesmas técnicas e métodos antigos, dando às costas as discussões pedagógicas, que diacronicamente vem sendo discutidos e atualizados nos PCNs, *toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo preñha de significados e significações que vão além dos seus aspectos formais* (BRASIL, 2000, p. 6). Esses significados precisam ser trabalhados em sala de aula, para que o professor consiga prender a atenção deles. Hoje as informações são muito rápidas e eles sabem tudo o que está acontecendo no Brasil e no mundo. Por isso a necessidade da contextualização.

3. REFLEXÕES DOS ESTUDANTES DENTRO DA SALA DE AULA

Entrando no universo do estudante, observou-se vários fatos, que estão expostos neste tópico para apreciação. Muitos deles por falta de orientação dentro do espaço de aprendizagem, que é a sala de aula, não conseguem fazer reflexão das leituras que recebem e nem conseguem refletir que fazem parte de seu próprio contexto histórico.

Todavia essa obviedade esbarra nas manifestações tanto do desempenho do sistema educativo quanto da conduta individual dos professores (LUCKESI, 2006, p. 121). O que antigamente era uma questão crítica, ideológica e hermenêutica sobre o conhecimento (JAUSS, apud LIMA, 1979, p. 49), hoje se torna uma questão de conveniência aos que compreendem o seu próprio meio social. O que não se pode ver durante as observações assistemáticas na sala de aula. Mas o jovem recebe as influências, porque ele tem acesso a internet, televisão, assiste filmes etc. Mas não consegue refletir acerca de tudo o que está a sua frente, simplesmente por falta de pouca importância dada ao imaginário do estudante. Pois eles são capazes de receber o conhecimento, mas não mais da maneira como era antes, não mais através do material impresso (ZILBERMAN, 2009, p. 13). Hoje, eles só se interessam pelos arquivos adquiridos na internet, um fato que os professores do terceiro ano do ensino médio precisam entender. Mas para que isso seja possível, seria necessário um despertar dentro da sala de aula, através do elemento chave que é o professor.

Thaís faz parte de uma categoria mediana, precisa estudar trabalhar e procura outros tipos de aprendizados como cursos profissionalizantes. Mesmo, com todas essas atividades, ainda acha tempo para as leituras nos finais de semana. Os pais mantêm a casa, para que eles se dediquem apenas nos estudos. Mas o que ocorre, é que eles próprios não se esforçam. Outros só estão preocupados em teclar o celular e outros só bagunçam uns com os outros dentro da sala de aula, o caso do Ben 10 (Fonte: Diário de Campo). Pelo tempo que já se estudou o ensino médio, onde também ocorriam os mesmos fatos, para o de hoje, não mudou nada. Os professores do espaço investigado continuam com as mesmas práticas e métodos, tentam repassar o conhecimento, usando apenas os livros didáticos. Enquanto os professores e pedagogos dos PCNs e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, já deram soluções para a mudança, mas como ocorre em todas as esferas do governo, as novas práticas só estão no papel. A realidade é esclarecida por Zilberman (2009, p. 14)

Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas conseqüências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, para não se mencionarem as condições de trabalho, onde predomina a insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. Onde deveria reinar a mesma euforia, predominam a desolação, o desestímulo, os sentimentos de decepção e de fracasso.

Com efeito, os problemas educacionais permanecem, tendo-se somado novas razões às antigas queixas. O empobrecimento da escola pública é visível em todo o país, ampliando-se a clivagem entre as instituições de ensino

destinadas às classes pobres, localizadas na periferia urbana, e as que atendem as camadas superiores. A depauperação dos professores, submetidos a maus salários e ao desdém por parte do poder público, se evidencia em ambas as circunstâncias. Contudo, recaem sobre o professor e sobre o sistema escolar as maiores cobranças, seja por os velhos problemas persistirem, de que resultam performances negativas em avaliações contínuas (PISA, SAEB, entre outros), seja por não saberem se posicionar perante os novos desafios, os que são colocados pelas mudanças tecnológicas e científicas, que seguidamente monopolizam as preferências dos jovens, e os que dizem respeito à situação vivida, em nossos dias, pela mocidade, vítima e sujeito da violência urbana, rotineira no cotidiano nacional.

Dentro desse universo existe outra categoria de estudantes e desta são a maioria dos alunos investigados, como Ben 10 que não se interessa muito pela leitura, um dos motivos pelo qual eles não conseguem compreender e nem interpretar os textos. Estes se tornarão as maiores vítimas do sistema educacional se caso continuarem como estão.

Para melhor ilustrar o conhecimento dos três alunos sobre literatura, optou-se em fazer as perguntas através dos questionários e eles responderam dentro de quarenta e cinco minutos, assim foi possível obter com êxito os diagnósticos que se pretendia analisar. Além disso, ao fazer essas perguntas teve-se a intenção de saber sobre o hábito de leitura dos alunos e a carga de conhecimentos que ele obtém.

Assim também para se comprovar respostas onde já havia-se discutido anteriormente, perguntou-se sobre os períodos literários que embasam este trabalho. E outros questionamentos como tais perguntas: Você gosta de ler? Com que frequência você gosta de ler? Quantos livros você já leu? Indique o nome do último livro que você leu. Você já ouviu falar de Wiliam Shakespeare? O que você sabe sobre ele? O que você lembra sobre o período do Renascimento? Você já ouviu falar sobre Gonçalves Dias? O que você sabe sobre ele? O que você lembra sobre o período do Romantismo?

R-Sim, adoro ler no meu tempo livre.

-Aos fins de semana.

-Já li quinze livros em toda a minha vida, o ultimo foi recente chama-se "Como eu era antes de você" da autora Jojo Moyes.

- Sim, sei que ele era um escritor famoso e que um de seus romances que mais fez sucesso foi o "Romeu e Julieta".

- Que sabe pouquíssimo foi um período de renascimento da literatura.

- sim, sei que é um dos principais autores de obra da geração modernista, conhecido pela sua canção do exílio.

- Que nesse período os eu líricos valorizavam muito o amor em suas obras e sonetos da época. (LOUISE)

R- Às vezes, porque meu dia é meio corrido, então procuro ler quando não tenho nada para fazer e também para entender o livro.

- só de vez em quando.

- uns 6 livros, Caramurú, Vidas Secas, Eu sou o nº quatro. Cidade de Papel

- sim, sei que ele é escritor de romances.

- não lembro muito bem desse assunto.

- Sim não sei muito mais acho que ele é escritor.

- Já estudei o assunto, porém não me recordo sobre tal assunto. (THAIS)

R- As vezes

-quando sou obrigado

-dois livros, o quinze de Raqueu de Queiroz

-Não, não sei quem ele foi

-não me lembro

-Não, não sei quem ele foi

-Eu me lembro que foi um período em que avia um romance entre pessoas que viviam passando por dificuldades e mesmo assim achavam um lado bom no meio daquele caos.(BEN 10)

Como já foi descrito, a Louise que representa os doze alunos que gostam de ler, não apenas os livros obrigatórios do curso conseguem se sair melhor nas respostas dos questionários. Como ela afirmou, ela conhece um pouco sobre os autores do Renascimento e do Romantismo. Ao se questionar a respeito da leitura com os alunos, tem-se a intenção de saber deles, a relação que eles têm com a leitura. Porque é a maneira de compreender os textos, a admissão dos textos os quais ao serem expressos torna-se uma das atividades da Estética da Recepção, trata-se do elemento literário que se debruçou para o lado conceitual da leitura.

Zilberman (2005), a estudiosa que segue a mesma linha intelectual de Jauss se preocupa com a falta de leitura, deixa transparecer quando procura orientar pela raiz, ou seja, começa a fazer teoria para atingir os professores que dão aula para crianças. Ela sabe que a estética da Recepção só pode ser observada ou comparada se o leitor se tornar um leitor constante. Para ela, *livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos nas quais as pessoas não cansam de regressar* (ZILBERMAN, 2005, p. 9). Infelizmente não é o que se pode observar na realidade de leitura dos estudantes do Ensino Médio, dados que proporcionam a “visão de limitação” em relação à leitura e ao conhecimento de literatura. Entretanto, é interessante que se constitua aqui, os questionamentos em relação primeiramente à leitura que se torna o fio condutor às comparações entre os textos como defende Jauss e seus contribuintes. Somente assim, será possível compreender o porquê que os estudantes não conseguem fazer a ligação dos textos, o que caracteriza a estética da recepção de forma simples.

Ao se questionar a respeito de leitura, os alunos apontam para respostas que já estavam subentendidas a partir das observações diretas (Diário de Campo) como foi mencionado nos procedimentos metodológicos. Além dos dados expostos, fazendo um apanhado geral de todos os entrevistados, em muitas respostas, eles afirmam que só leem às vezes, ou aos finais de semana e muitos alegam falta de tempo. Poucos alunos

declaram que leem com mais frequência. Esses que afirmaram que gostam de ler, alguns, provam o contrário através da escrita. São escritas fragmentadas, com falta de letras, em suas caligrafias, quase não se consegue compreender a resposta como a competência de um bom leitor se faz. Porque, segundo Zilberman (2008, p. 87), a secularização do ensino precede a da poesia, detectada na *Poética*, de Aristóteles, e constitui condição básica para a expansão da leitura, ainda que, no mundo antigo, ficasse restrita às classes elevadas. A teórica faz um alerta, mostrando que é necessário que haja essa interação entre o texto e o leitor, caso contrário, ele não conseguirá fazer reflexão, pois este precisa ter dados guardados na memória para fazer a conexão e assim poderem ser expressos. Até porque nem na antiguidade os textos como as poesias e apresentações do teatro ficaram restritos a uma classe somente. Então é direito de todos, só basta querer obter mais o conhecimento.

Voltando ao investigado, no caso, o Ben 10, ele não se lembra de absolutamente nada o que já leu ou estudou, ele não se liga em nada, e tem o perfil da maioria da população investigada. Ele não sabe falar nada sobre Shakespeare que é o autor mais falado por meio das mídias. Quando se perguntou por que eles preferiram estudar o Ensino Médio? Logo todos os alunos traçaram a mesma resposta que faz jus as reflexões de Luckesi sobre a aprendizagem escolar, exceto o Ben 10 que representam a maioria:

R- Porque o Ensino Médio é importante para a minha formação e tenho um bom estudo com qualidade. (Louise)

R- Porque eu tenho objetivos a serem alcançados (Thais)

R- Porque eu não faço escolha.(Ben 10)

E os teóricos mais antigos sabiam sobre essa dificuldade histórica, o distanciamento entre indivíduo/leitor e o livro. Refletem sobre essa questão, Jauss e Zilberman (1979, 2009), porque descobriram que apenas os burgueses tinham e ainda têm esse domínio, porque eles já vinham e ainda vem sendo preparados desde pequenos, para a sucessão de seus pais. E por causa dessa reflexão, os dois teóricos escrevem acerca da teoria da recepção. Esse é um conhecimento que o profissional da educação precisa ser consciente e aproveitar para contextualizar todos os assuntos que estão no planejamento das aulas básicas. É claro que não mudará, mas há de se fazer a tentativa de conscientização.

É necessário que se discuta, ou então o indivíduo ficará condicionado a uma conotação negativa como afirma Pilleti (2010, p. 11), os que “não querem estudar” ficam relegados às tarefas que nossa sociedade valoriza menos. São situações que estão subentendidos nos assuntos do livro didático e precisam ser discutidos em sala de aula, mas parece que é desinteressante por parte dos professores. Ao se questionar se alguma vez eles foram à biblioteca, com o objetivo de saber o que pensam em relação a esse espaço público, onde o leitor pode encontrar vários tipos de literatura grátis, apenas a Louise respondeu com ênfase que vai à biblioteca, o que se pode entender que ela gosta mesmo de ler e tem maior chance de compreender e ligar os pontos de contatos entre as leituras.

R-Sim (Louise)

R-Não (Thais)

R-Às vezes (Ben 10)

Já em relação aos outros dois alunos, principalmente o Ben 10 que representam a maior parte dos investigados, torna-se difícil para ele, porque ele quase não se interessa muito pelas leituras, a não ser que o professor faça a contextualização com eles e diga que todas as coisas que ele recebe através da internet ou televisão são leituras, como afirma Martins (2003) em sua teoria *O que é leitura*, onde ela fala sobre os níveis de leitura. Tais níveis permitem que o leitor avance seu nível de compreensão. De leitor passivo torna – se um leitor crítico. Com estas afirmativas, notamos que o leitor necessita absorver o máximo de conhecimento, o qual se obtém através da leitura, enquanto aluno do ensino fundamental, médio e superior. Após observar todas as respostas, logo, se notou o completo desinteresse pelos estudantes. Os outros só leem quando são obrigados e outros não gostam. Preferem assistir filme ou passear na rua de moto ou de bicicleta.

Ao se questionar, se alguma vez eles foram à biblioteca, com a intenção de saber se os livros impressos chamam a atenção deles e tendo em vista que antes, as bibliotecas atendiam somente os anseios de uma elite letrada, como discute Jauss (1979) e Zilberman (2003), enquanto do outro lado à maioria ficava a margem de simples informações que ajudariam no seu simples cotidiano. De acordo com as respostas de todos eles responderam que *não*. O que se notou, que os livros didáticos e os livros impressos antigos não chamam mais atenção dos estudantes. O que eles não sabem é que dentro dos livros antigos estão ricos em memórias que fazem parte da sua realidade.

A dificuldade também não é por falta de incentivo da família, pois muitos pais incentivam sim seus filhos a irem para a escola estudar, mas eles não têm o conhecimento técnico e profissional do professor. Os pais têm esperanças que os estudos possam transformar a vida de seus filhos, mas não sabem de que maneira. Assim averiguamos que eles têm uma vida normal, tem família, irmãos e que seus pais os incentivam sempre a estudar. Isso se confirmou quando se questionou de Thaís, se seus pais a incentivam a estudar e ela respondeu: *muito. Eles me incentivam, pois tenho a oportunidade que eles não tiveram.* Para os pais é muito importante que eles concluam o ensino médio e curse uma faculdade. Mas, infelizmente a bagagem de conhecimento que eles carregam ainda é bem limitada. Assim, como já foi mencionado por Luckesi, eles só estão se preparando para concorrer a uma vaga na Universidade. Eles não sabem que o importante, é que eles se preparem ao menos no ensino médio para enfrentarem leituras mais complexas no curso superior.

Considera-se nesta pesquisa também leituras religiosas, porque ela consegue fazer esse diálogo entre os textos, isto quer dizer, que se o estudante lê bastante a Bíblia, ele terá mais facilidade de entender a Estética da Recepção, o que pode ser o caso da Louise que representa os 5% do universo estudantil investigado neste trabalho. Já a Thaís que está sobrecarregada de atividades e não lê com frequência e o Ben 10 que representam a maioria dos estudantes da sala, não sabe e nem faz esforço de saber das informações pertinentes à sua própria família, estão enfadados ao fracasso, nesse caso são os que mais precisam ser instigados para o mundo da leitura reflexiva.

4. REFLEXÃO SOBRE AS LEITURAS CLÁSSICAS

De acordo com os PCNs, as análises e reflexões sobre as diversas realizações em tempos diferentes já vêm sendo discutidos há muito tempo. São mencionados nas propostas para o ensino médio, principalmente os gêneros literários, em especial os textos teatrais, porque mostram uma organização diferente dos poemas (BRASIL, 2000, p. 8). Pelo fato de não se entender, porque tão baixo grau de conhecimento no terceiro ano do ensino médio de uma escola pública em Parintins, é que surgiu a tentativa de aprofundar mais esse estudo. Principalmente para esclarecer melhor, porque a maioria deles não consegue assimilar as leituras, e assim não sabem e nem conseguem fazer a ligação de assuntos que vem sendo estudado por eles desde o sexto ano do ensino

fundamental como foi mencionado anteriormente. Considerando também que eles têm uma boa carga de conhecimentos, um processo que vem se trabalhando a mais ou menos, oito anos, como já foi. Desde lá, vem se repetindo fragmentos de obras clássicas, bem como os outros dois períodos literários em questão.

Nesse contexto percebeu-se que as metodologias adotadas pelos professores em sala de aula, não despertam o interesse do aluno para a intertextualidade, assim, fica difícil o aluno perceber que os autores/leitores como o Plauto se influenciaram por seus precedentes, bem como Shakespeare imitou Plauto e Dias se deixou encantar por Shakespeare. Jauss (1989, p. 55) diz que os procedimentos metodológicos o ajudaram a desenvolver sua pesquisa sobre a Estética da Recepção. Ele dá valor e os caracteriza como inquestionáveis. Sobre esses conhecimentos, o alemão os torna legado, são elementos que valorizam o leitor/autor e o impulsiona a pensar ou refletir sobre suas leituras. Assim também os grandes autores como os supracitados da dramaturgia se valeram de fatos e conteúdos que leram nos livros das autoridades precedentes. Essas informações são importantes para serem contextualizadas em sala de aula, para que os estudantes também queiram deixar seus legados para a posteridade. Há quem conheça bem essa realidade e se diferenciou, dando sugestões aos professores, mas ainda assim, não se percebe essas práticas discutidas atualmente na sala de aula, Freire (1989 p. 11-12).

Algun tempo depois, como professor também de português, nos meus vinte anos, vivi intensamente a importância do de ler e de escrever, no fundo indicotomizáveis, com os alunos das primeiras séries do então chamado curso ginásial. A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

Por outro lado, na pesquisa específica direcionada aos professores, surgem novos fatos como, por exemplo: o esforço sobre-humano na prática de alguns professores em sala de aula, para que os alunos se interessem pela leitura. Isso significa

que os alunos não se interessam pelos livros didáticos, mas ao que tudo indica, eles leem outros tipos de leitura. Durante as assistematizações se percebeu que eles gostam de ficar olhando o celular. Já que o conhecimento de mundo é válido como Freire discute, então porque não se valer dos equipamentos tecnológicos para melhorar o conhecimento e contextualizar a realidade que os cerca. Aproveitar os acontecimentos históricos e compará-los com o passado e envolve-los nas discussões que cabem à competência literária. E assim não deixar que a mídia os faça alienados também, pois é na sala de aula que eles precisam aprender a formar opiniões.

5. CONHECIMENTOS E REFLEXÕES DO PROFESSOR

Observou-se durante as assistematizações que os professores, só passam o conteúdo básico para os alunos e não contextualizam de forma crítica. Dessa forma não será possível mudar o sistema de ensino na prática, se não há boa vontade das partes competentes. Pensa-se que se as reflexões que Freire discute desde 1981, com a reflexão do *Ato de ler*, não saíram do papel e ainda não passaram a ser prática. Caso esses fatos e dificuldades se perpetuem no Ensino Médio, a situação da maioria dos estudantes não mudará. Um exemplo dessa repetição constante foi descobrir que o *O ato de ler*, já vem sendo discutido há muitos anos, inclusive Wolfgang Iser, tem uma obra com o mesmo nome e chama-se *Der Akt des Lesens* (1976) (JAUSS *apud* LIMA, 1979, p. 53). E o teórico segue a mesma linha de pensamento de Jauss, mas este se direcionou ao efeito em que o texto causa no leitor.

De acordo com o diário de Campo percebeu-se também, que um dos maiores entraves no interesse por leituras da literatura, é que de acordo com o livro didático básico, as disciplinas Literatura e Língua Portuguesa estão mesclados (Brasil, 2000), com isto, sobrecarregando o professor que já “carrega o mundo nos ombros”, como afirma Zilberman (2008, p. 15);

É igualmente sob esse prisma que se pode entender porque os “ombros” do professor “suportam o mundo”, visto que são atribuídas a ele várias e distintas missões: alfabetizar, facultar o domínio, pelo aluno, do código escrito, formar leitores qualificados de textos literários. Talvez por serem muitas as tarefas e as condições de trabalho provavelmente precárias, escola e professores raras vezes alcançam qualquer um desses resultados, a se acreditar nos testes a que são submetidos os estudantes, quando se revelam pouco aptos aos tipos de leitura indicados.

Essa é a reflexão de um tempo não muito distante, porque hoje o que se percebe, é que alguns professores, estão na sala de aula por puro profissionalismo. Mesmo com dificuldades financeiras como Zilberman discute na citação. Eles não têm mais a vocação como antes, quando os professores mostravam o senso crítico nas explicações e faziam os alunos compreenderem sobre política e cidadania. E o mais interessante é ter certeza que eles conhecem sobre os conceitos de literatura e definem corretamente os questionamentos sobre; qual a importância do estudo da literatura geral para você?

R-A literatura Geral é promotora da cultura, da história e relação social do homem, capaz de registrar e produzir construções simbólicas que evocam vivências pessoais e promove a reflexão sobre a própria identidade.(Professora Moema)

R- Constrói o individuo mais critico e ciente de seus direitos e deveres. (Professora Analice)

O professor conhece muito bem a finalidade da literatura, mas é impedido de aplicá-los por vários fatores. Percebeu-se durante as sistematizações que os recursos usados para desenvolverem bem as metodologias são bastante precários. Nos dias de hoje eles dependem muito do computador e do retroprojeto para explicar os conteúdos. Sem esses equipamentos, é quase que impossível comentar os conteúdos que são propostos. Com isso as horas vão passando e os alunos ficam ociosos. Não há plano B para ganhar o tempo durante os imprevistos (Diário de Campo).

Portanto, em pleno século XXI, compreende-se a situação financeira do professor, mas ele deveria pensar como Carlos Drummond de Andrade sugere “teus ombros suportam o mundo”(Zilberman, 2008), deveria agir sim com mais vocação, lutar e oferecer leituras contextualizadas aos alunos. Assim eles aprenderão a assimilar melhor os textos. E aprenderão a serem reflexivos e críticos. O professor precisa ter a consciência que o problema na educação brasileira, é histórico, ou seja, um problema que se arrasta há séculos. Ao escolher a profissão de professor ele precisa primeiramente querer ser professor.

5.1 CONHECIMENTO DO PROFESSOR SOBRE LEITURA

Ao questionar as professoras sobre leitura, tem-se a intenção de investigar o grau de conhecimentos sobre a questão fundamental que atinge diretamente o aluno em sala de aula como foi dito no capítulo II e as educandas definem muito bem porque são da

área de letras, já tem experiência em sala de aula. Mas como vimos no tópico de experiência sobre leituras dos alunos, provam o contrário do que está posto nas respostas dos professores;

A leitura é um processo de apreensão/compreensão do mundo. A leitura enriquece a experiência da vida, pois ela nos permite uma relação de troca de sentidos entre o livro e o leitor (Professora Moema).

Ler é ampliar conhecimento, crescer intelectualmente (Professora: Analice Silva).

Tem-se a resposta do que acontece nas palavras de Murta, quando ele fala que os alunos não gostam dos clássicos por acharem as leituras antigas e antiquadas, mas que esse ofício pode ser superado. As professoras também respondem sobre esse problema: *Quando explicamos, eles ouvem, mas não questionam nada* (Professora Moema). A Professora Analice diz: *Os alunos não estão nem aí, são indisciplinados e não gostam de ler*. Os PCNs discutem essa questão;

Outra situação em sala de aula pode ser mencionada. Solicitamos que os alunos separassem de um bloco de textos que iam desde de poemas de Pessoa e Drummond até contos de telefone e cartas de banco, textos literários e não literários de acordo como são definidos, um dos grupos não fez qualquer separação. Questionados, os alunos responderam: “todos são não-literários, porque servem para fazer exercício na escola”. E Drummond? Responderam: “Drummond é literato, porque vocês afirmam que é eu não concordo. Acho ele um chato, porque Zé Ramalho não é Literatura? Ambos são poetas não é verdade? (BRASIL, 2000, p. 16).

Em meio a toda essa questão percebe-se que os alunos não estão mais interessados somente nas literaturas básicas, eles querem algo novo, por isso a dificuldade de chamar a atenção em sala de aula. A escola precisa se adaptar as mudanças, para que assim os alunos se interessem pelos assuntos. Mas enquanto isso não acontece, para que eles se interessem é bom que faça com que toda a carga de conhecimentos que eles têm e está guardada, venha à tona, e isso só é possível através da contextualização dos assuntos literários com realidade que vivenciam hoje. Assim eles atingirão a intertextualidade e conseguirão ligar os pontos de contatos entre as leituras. Não adianta esperar pelo aluno, quem precisa dar o ponto de partida é o professor, é nele que está a preparação para enfrentar os desafios.

5.2 CONHECIMENTO DO PROFESSOR SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.

Este questionamento foi proposto para saber dos professores se eles têm a noção deste elemento reflexivo e a partir das respostas tentar compreender porque não se observou isso durante as assistematizações na sala de aula. De acordo com as respostas obteve-se a confirmação que eles sabem sim a importância de se trabalhar um elemento com tanta importância no ensino.

R- Eu vejo a estética da Recepção como uma relação intrínseca de autor/livro/leitor. Nessa teoria a abordagem se volta para a importância do receptor (leitor) para a composição de múltiplos significados do objeto literário. (Professora Moema)

R- Interação, entre autor, obra e leitor, o modo como a obra nos atinge (Professora Analice).

Para compreender mais um pouco, levantou-se outras questões, para saber por que esse elemento não é percebido e não são visíveis dentro da sala de aula. Para tanto se buscou conhecer algumas coisas incluídas ao relacionamento professor/aluno. Então se fez a pergunta; como elas, enquanto professoras se sentem trabalhando com alunos do terceiro ano do Ensino Médio e as respostas foram satisfatórias;

R- Costumo dizer aos alunos do Ensino Médio que o meu trabalho promove um duplo aprendizado – uma prática docente pautada principalmente na sensibilidade e no respeito ao tempo de aprendizagem dos alunos(Professora Moema).

R- É um trabalho bem gratificante (Professora Analice)

Notou-se nas respostas da professora Moema, que ela tem mais dedicação no que faz. Isso significa que ela trabalha por vocação e não está na sala de aula somente por profissionalismo, ou por conveniência. Percebe-se que ela está disponível às mudanças e os alunos precisam aproveitar a oportunidade do conhecimento. Pois ela tem muito a oferecer como promotora do saber. Em relação à resposta da professora Analice, parece ser bem sintética, não escreve muito, e também fala pouco. Ela conhece, mas não contextualiza muito os assuntos.

6. REFLEXÕES SOBRE A APRESENTAÇÃO DA PEÇA TEATRAL

Este tópico vem falar sobre a apresentação da peça teatral plautina “A comédia da cestinha” que já foi mencionada neste contexto. Sabendo que houve contribuição e

foi possível notar, que os alunos espectadores interagiram durante as apresentações. E também contribuíram fazendo referências ao que presenciaram, atingindo com isso a terceira atividade da Estética da Recepção, “a produção”. Como ilustra a transcrição abaixo quando se perguntou se a aluna gostou da peça teatral:

- Sim, gostei é um entretenimento que tem de enriquecer mais o meu conhecimento, é uma atração que deveria ser apresentada em logradouros públicos em nossa cidade (LOUISE– TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO).

Louise assim como outros onze alunos, gostam de ler. Verificou-se pelo nome do último livro que ela já leu, não é leitura obrigatória do curso. Ela busca outras fontes. Percebe-se nela outra mentalidade em relação aos clássicos. Ela dá sugestões, sente-se perspectiva nas palavras expressas.

Conclui-se que dos quarenta e nove entrevistados apenas doze deles tem chance de conseguir receber bastante conteúdo e expressar no papel. E não é por falta de oportunidade como Jauss (1979) afirma em sua teoria, mas na atualidade é por falta de interesse do próprio estudante. Com uma parcela de contribuição por parte do sistema educacional como um todo. Principalmente a parte do professor, por ser a ponte que liga ao universo externo através da contextualização. Não que ele não tenha o conhecimento para transpassar, pois o tem e muito, mas lhe falta a boa vontade de transpor aos alunos e despertar-lhes o senso crítico.

Essa questão remete a uma das dificuldades propostas no objetivo deste trabalho, como Luckesi (2006, p. 18) afirma no capítulo I, *que os estudantes só estão se preparando para fazer a prova do vestibular*, eles estão somente se preparando em função de uma competitividade que irão enfrentar após o término do curso regular. Por exemplo, quando Thais foi questionada se gostou da apresentação da peça de teatro, ela respondeu:

Sim, gostei, pois foi muito engraçada adorei. Porque tinha parte que a mãe da menina queria que ela arrumasse um marido rico. Pois é uma mãe louca. Foi o que eu entendi. (THAIS – ALUNA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO)

Uma das dificuldades que a estudante enfrenta e ela não sabe disso, é a falta de informação, para orientá-la e fazê-la conhecer, que ela tem uma história e que está

ligada diretamente nas obras literárias e que há outros tipos de reflexões, não só a presenciada em seu contexto, mas que outras obras como as do período arcaico, as renascentistas e as do período romântico. Mas isso precisa ser dito em sala de aula, precisa ser contextualizado. Nota-se na citação que a aluna teve a sua recepção e caso ela for desenvolver um texto sobre o que ela assistiu, vai optar em escrever da maneira que ela compreendeu como foi citada por Jauss (1979), ela vai produzir o texto a partir da leitura que fez, no contexto que está inserida e assim vai formar a sua própria estética. Thais ainda consegue expressar alguma coisa, o contrário de Ben 10, que encontrou dificuldade para colocar no papel o que viu e representa a maioria dos alunos do universo de quarenta e nove estudantes. Isso é preocupante porque ele representa a maior parte que estão nessa condição.

R-Assisti, mas não sei dizer. (Ben 10)

Atribui-se a “falta de conhecimento e não - assimilação” aos conteúdos do ensino médio, neste caso o que implica não é situação financeira. Do universo investigado poucos alunos não têm condições de comprar um livro, mas isso também não justifica o desinteresse, os livros estão escancarados na internet. O problema é que muitos deles, não sabem disso. E não tem quem os oriente sobre essas questões. Nessa questão a Thaís se junta a Louise, pois a maioria dos alunos investigados tem a real situação do Ben 10, assim como ele, os outros alegam não terem lugar adequado para estudarem, pois tem muita gente na casa, ou porque a casa é muito pequena, ou porque tem muita coisa para fazer e outros só estudam na sala de aula mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após várias observações e discussões acerca das dificuldades que geraram os pilares que sustentam este trabalho, pode-se ponderar que as principais dificuldades dos alunos de não conseguem compreender sobre a Estética da Recepção nos estudos clássicos estão nos pontos relacionados abaixo, todos esses pontos já foram analisados no corpo do texto. Sentiu-se a necessidade de sintetizá-los para melhor julgamento.

- ✓ Obviedade esbarra nas manifestações tanto do desempenho do sistema educativo; por saber que não depende somente do corpo docente que integra a

instituição, mas por fazer parte de um sistema educacional dependente de políticas públicas.

- ✓ Conduta individual dos professores; Observou-se a não preocupação com o aprendizado do aluno, mas um professor que está na sala de aula somente para cumprir suas obrigações todos os dias.
- ✓ Conveniência aos que compreendem o seu próprio contexto histórico; O conhecimento é monopolizado, não há compartilhamento com os alunos que precisam de informações sobre as facilidades que o cercam. Principalmente no que se refere ao acesso dos livros que são oferecidos na rede virtual.
- ✓ Pouca importância dada ao imaginário do estudante; O aluno não é instigado a se expressar, ele não consegue pensar sozinho, se não tiver um promotor do conhecimento que trabalhe isso na vida dele.
- ✓ Não gostam de estudar com o material impresso; Eles deveriam utilizar seus aparelhos eletrônicos para fazer pesquisa em sala de aula, uma ideia interessante, poder contextualizar os livros clássicos com a atualidade.
- ✓ As metodologias adotadas pelos professores em sala de aula ainda são antiquadas; tudo o que se fazia há mais de vinte anos na sala de aula, ainda se faz hoje, os métodos que os professores usam atualmente ainda são os de antigamente.
- ✓ Falta de contextualização das leituras literárias; os professores não levantam questões que o aluno possa expressar o que sabe, eles só recebem o conteúdo de maneira mecânica, por isso a dificuldade de assimilação.
- ✓ Professores muito profissionais; Não se observou o espírito vocacional nos professores, porque eles estão em sala, somente por puro profissionalismo.
- ✓ Recursos usados para desenvolverem bem as metodologias são bastante precários; os equipamentos não servem mais, estão quebrados.

Portanto, conseguiu-se encontrar as principais dificuldades que fazem com que o aluno não se interesse pelas leituras e nem dê importância ao que o professor explica em sala de aula. Pois, é necessário que se reavalie as falhas no sistema educacional, para que o aluno de terceiro ano de Ensino Médio, saia do curso regular com a consciência de que sairá com leituras mais críticas e reflexivas. Assim, ele não terá dificuldade quando for para uma instância maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES, *Poética*, Trad. Eudoro de Sousa, Lisboa, INCM, 2003.
- ASSINI, Tânia Cristina Kaminski Alves, *Contribuições da Estética da Recepção para leitura do texto Dramático no Ensino*, FAP- Faculdades de Artes do Paraná.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura e Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 2013.
- CANDIDO, Antônio, *Formação da Literatura Brasileira, momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 2012.
- DIAS, Gonçalves, obras póstumas. De A. Gonçalves Dias, *Leonor de Mendonça*, vol. 5, org; Antônio Henriques Leal, São Luis, B. de Matos, 1868.
- _____, *obras póstumas. De A. Gonçalves Dias, Noiva de Messina*, vol. 2, org; Antônio Henriques Leal, São Luis, B. de Matos, 1868.
- FREIRE, Paulo, 1921 – *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GALVÃO, Izabel, *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GENTIL, Pablo, *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GIL, Antônio Carlos, *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOMES, Mariana Andrade, *Experiência Estética e Estética da Recepção*, *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n.º 39, dezembro de 2009. p. 37-45. <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes, *Nas origens do drama e do teatro ocidental. Onde cabe o romance e o cinema?* Boletim de Estudos Clássicos 59 (2014) pg 153-166.
- _____, *Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada brasileira*. Coimbra. FLUC, 2013.
- GUIMARAES, Thaís Céli Carvalho; ZULIM, Leny Fernandes. *Estética da Recepção: Projeto de Leitura no Ensino Médio*. Anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil.htm

- HELIODORA, Barbara, *Porque ler Shakespeare/Barbara Heliadora*. São Paulo: Globo, 2008.
- HORÁCIO, *Arte Poética*, Trad. R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- JACOBBI, Ruggero, *Goethe, Shiller, Gonçalves Dias*, Porto Alegre, Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul, 1958.
- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JOHNSON, Samuel, «Preface to Shakespeare» in NORMAN, Charles (org), *Poets on poetry*, New York, Londres, The Free Press, 1965, cap.108-113.
- LIBÂNIO, José Carlos, *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2012.
- LUCKESI, *Aprendizagem escolar: estudos e proposições - 18*. editora - São Paulo: Cortez, 2006.
- MAIA, Joseane, *Literatura na formação de leitores e professores/ Joseane Maia*. – São Paulo: Paulinas, 2007.
- PIAGET, Jean, *Seis estudos de psicologia/ Jean Piaget*; tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Vol. II. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica, Cultura Grega*, Vol. I, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 2003, 390-404.
- PILETTI, Claudino, *Didática Geral – 24*. Ed.-São Paulo: Ática, 2010. 256p. : il. (educação)
- PIZARRO, Maria Adelaide Cardona da Nobrega, *Gonçalves Dias e o Drama Romântico*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1970.
- PLAUTO, *Menaechmi(Los Menecmos)*, Fonte: http://www.iespedrodeluna.es/wp-content/uploads/los_Gemelos-Plauto-texto-15-noivembre-2010.pdf.
- PLAUTO, *O Truculento*, Trad. Adriano Milho Cordeiro, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.
- REGO, Teresa Cristina, *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação/Teresa Cristina Rego*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAMOYAUULT, Tiphaine, 1963-A *Intertextualidade*/Tiphaine Samoyalt; tradução Sandra Nitrini - São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SHAKESPEARE, William, A comédia dos Erros, Livro Chip, Biblioteca virtual. S/d.

_____, *Otelo, O Mouro de Veneza*, Ed. Ridendo Castigat Mores, Versão para e-book e e BooksBrasil.com, Fonte Digital www.jahr.org.

SILVA, Maria das Graças Araújo, *Sobre uma face do Romantismo Brasileiro: Leonor de Mendonça e a expressão do teatro romântico*, *Crátulo. Revista de Estudos Linguísticos e Literários* 2 (2009), 49-58.

ZILBERMAN, Regina, O Papel da Literatura na escola, Via Atlântica n° 14 – UFRGS – FAPA – dez/2008.

_____, *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.